cARioquice

publicação trimestral . ano IV . n.15 . out/nov/dez 2007
ISSN 1981-6049

"ter um sonho todo azul, azul da cor do mar"

apud tim maia

aprendiz do tempo

Rodin está vivo!

publicação trimestral . ano IV . n.15 . out/nov/dez 2007
cARioquice

Faça um plano de Previdência SulAmérica. Você vai descobrir que a semana é feita de sábados e domingos.

Neste fim de ano contrate um SulAmérica PGBL e diminua o IR a pagar.*

Transforme seu futuro num eterno fim de semana.

Consulte seu corretor de seguros ou fale com os nossos especialistas:
4004 1869 (capitais e respectivas regiões metropolitanas)
0800 725 1869 (demais regiões).

SulAmérica
associada ao ING

*Processos SUSEP: 15414.002356/2007-78,15414.002357/2007-12, 15414.002358 /2007-67, 15414.001015/2003-51, 15414.001016/2003-04, 15414.001014/2003-15 - Somente terão direito à isenção fiscal até 12% da renda bruta anual no IR aqueles que forem contribuintes dos Sistemas Públicos de Previdência, à exceção dos aposentados e pensionistas. Lei nº 10.887, de 18/06/2004. Horário de atendimento: de segunda a sexta, das 7 às 22h; sábados, das 8 às 18h. Sul América Seguros de Vida e Previdência S.A. CNPJ: 01.704.513/0001-46. A aprovação dos planos pela Susep não implica, por parte da autarquia, incentivo ou recomendação de comercialização dos mesmos. De acordo com a legislação vigente é possível a opção de tributação por aliquotas decrescentes.

sulamerica.com.br

cem anos de oscar e o Rio

Esquina do Ricardo

A sutil equação entre os homens que entram na História e seus contemporâneos gerou uma observação de Mallarmé que cabe registrar por ocasião dos 100 anos de Oscar Niemeyer: "Os raríssimos homens que ajudam nossa triste humanidade a dar passos à frente jamais se dão conta disso; ao contrário, negam sua excelência com modéstia constrangedora, quase irresponsável."

O grande arquiteto carioca, não fosse sua apetência pelo ato de viver e seu gosto pelas mulheres, bem que poderia envergar uma bata monástica, tão despojados são os seus hábitos em relação ao dinheiro. Tão parcas são suas considerações sobre a importância e a universalidade de sua obra monumental. Tão inabaláveis são suas opções políticas pelos desvalidos e sua fé religiosa pelo socialismo.

Se Oscar poderia, ou não, ser um padre, quem sabe um São Tomás de Aquino da arquitetura, pouco importa.

Agora, nestes dias em que a arquitetura mundial e os amigos comemoram os seus cem anos, cabe assinalar menos o orgulho que todos necessariamente sentimos dele, o que foi fartamente registrado pela mídia, e mais suas reflexões sobre o Rio.

Para início de conversa, o arquiteto assesta a sua lupa de artista (*et pour cause*, profeta) sobre a destruição do Centro carioca, dotado de equilíbrio e beleza, com seu casario sedimentado em três estilos: colonial, imperial e *art-nouveau*. Quem destruiu tal jóia, que qualificava o Rio como um dos centros mais belos do mundo? A especulação imobiliária selvagem aliada à corrupção (e absoluta falta de cultura) dos administradores cariocas.

Sobre as favelas cariocas, a opinião que ouvi de Oscar Niemeyer qualificam o humanista que ele jamais deixou de ser: "Já que existem, que sejam melhoradas e transformadas em bairros decentes, onde a dignidade humana possa ser resgatada e onde as pessoas possam ser mais felizes."

É isso aí, "onde as pessoas possam ser mais felizes".

Ponto crucial da questão do ser e do existir de qualquer cidade que se quer decente.

Abençoado Oscar Niemeyer, filho dileto de Deus e dos Céus. Que ele teima, debalde, em negar.

SUMÁRIO

CARIOQUICE

Nº 15 OUT/NOV/DEZ 2007
ISS 1981-6049

É som, é sal, é mar

4 Ele é o samba

12 A idade do lobo da Finep

18 A magia dos acordes sublimes do Dr. Guinga

24 Quatorze músicas bem maiores que o seu século

Saga Carioca

26 Pitanguy, o senhor do mundo

32 Zappa, amore mio!

Cidade Maravilhosa

40 Em nome de Deus e da Cidade Maravilhosa

50 Sou tricolor de coração

56 C'est chic, le Bangu

Do bem comer e melhor beber

64 O mecenas da Rosário

Magia do Olhar

74 O imperdoável diminutivo da "Rocinha"

Embaixador do Rio

84 O Rio é um adjetivo
Por Julio Bueno

EXPEDIENTE

DIRETOR
Ricardo Cravo Albin

DIRETORA-ASSISTENTE
Maria Eugênia Stein

EDITOR RESPONSÁVEL
Luiz Cesar Faro

EDITORA EXECUTIVA
Vera de Souza

REPÓRTER
Kelly Nascimento
Mônica Sinelli
Ilan Bar
Júlia Santhiago

ARTE
Marcelo Pires Santana
Paula Barrenne de Artagão

FOTOGRAFIA
Adriana Lorete & Marcelo Carnaval

PRODUÇÃO GRÁFICA
Ruy Saraiva

REVISÃO
Rubens Sylvio Costa

CAPA
Marcelo Carnaval

CONSELHEIROS E AMIGOS DE CARIOQUICE

- Afonso Arinos de Mello Franco
- Amaro Enes Viana
- Ana Arruda Callado
- Anna Letycia
- Boni
- Celina Borges Torrealba Carpi
- Chico Caruso
- Cicero Sandroni
- Claudia Fialho
- Darc Costa
- Eva Mariani
- Everardo Magalhães Castro
- Francis Hime
- Gilberto Assemany
- Gracinha Melo
- Henrique Luz
- Jaguar
- Jerônimo Moscardo
- João Maurício de Araújo Pinho
- Joaquim Ferreira dos Santos
- Jorge Goulart
- José Louzeiro
- Lan
- Lélia Coelho Frota
- Leonel Kaz
- Lilibeth Monteiro de Carvalho
- Lucy Barreto
- Luis Fernandes
- Luiz Antonio Viana
- Luiz Carlos Barreto
- Luiz Carlos Lacerda (Bigode)
- Luiz Cesar Faro
- Lula Vieira
- Marcelo Carnaval
- Marcílio Marques Moreira
- Marcos Faver
- Maria Beltrão
- Mário Priolli
- Martinho da Vila
- Nélida Piñon
- Neville d'Almeida
- Noca da Portela
- Octávio Melo Alvarenga
- Oduvaldo de Azevedo Braga
- Olivia Hime
- Oscar Niemeyer
- Paulinho da Viola
- Paulo Fernando Marcondes Ferraz
- Paulo Roberto Direito Menezes
- Philip Carruthers
- Raphael de Almeida Magalhães
- Rosiska Darcy de Oliveira
- Ruy Castro
- Verônica Dantas
- Vivi Nabuco
- Wagner Victer
- Wanderley Guilherme dos Santos
- Zelito Viana
- Ziraldo

REDAÇÃO E PUBLICIDADE
Insight Engenharia de Comunicação & Marketing

RIO DE JANEIRO
Rua Sete de Setembro, 71 / 14º andar · RJ ·
Cep 20050-005 · Tel: (21) 2509.5399 · Fax: 2516.1956
email: insight@insightnet.com.br

SÃO PAULO
Rua Sansão Alves dos Santos, 76 / 7º andar · Brooklin · SP ·
Cep 04571-090 · Tel/Fax: (11) 5502-3844
email: clementeinsight@uol.com.br

www.insightnet.com.br

Carioquice é uma publicação do
Instituto Cultural Cravo Albin (ICCA)

Av. São Sebastião, 2 Cobertura · Urca
Cep 22291-070 · Rio de Janeiro, RJ · Tel: (21) 2542.0848
email: icca@veloxmail.com.br

www.dicionariompb.com.br

www.carioquice.com.br
Email: carioquice@carioquice.com.br

MA NOVA MARCA
OM OS MESMOS
OMPROMISSOS.
O NOME
UE O BRASILEIRO
SCOLHEU.
A nova marca da Vale vai levar para o mundo sua ousadia, ética, disciplina nos investimentos e compromisso socioambiental. A Vale é apaixonada pelo que faz e busca a permanente superação para transformar recursos minerais em elementos essenciais para o nosso dia-a-dia.
VALE
.vale.com

Ele é o samba!

por Mônica Sinelli

A voz do morro é ele mesmo, sim senhor. Embora não seja natural aqui do Rio de Janeiro, é ele quem leva a alegria para milhões de brasileiros como produtor e arranjador do melhor do gênero no país. Um instante, maestro, para falar de uma vida toda dedicada à musica. Rildo, tua gaita é sonhadora. Teu realejo é da hora!

Nascido em Caruaru, o pernambucano Rildo Alexandre Barreto da Hora navega há muito tempo nas águas da Guanabara. É carioca da gema e da Clara, da Beth e do Martinho, do Bosco e do Zeca...a lista é interminável. "Todo mundo acha que sou carioca, por causa da minha ligação com o samba. Vim para cá muito novo, com 6 anos de idade. Estou com 68, então, praticamente, sou um carioca. Meu pai era de Alagoas e minha mãe, de Pernambuco. Quando eles se casaram, foram morar em Caruaru, por isso sou de lá."

Rildo lembra que, depois da época do Império, início da República, era comum as famílias darem instrução musical aos filhos. "Minhas tias, todas por parte de mãe, que era professora primária, tocavam piano. Mamãe também, e foi ela quem me ensinou as primeiras notas. Quando viemos morar no Rio, de navio, meu pai, dentista, não trouxe nem a cadeira de trabalho de seu consultório. Deixou tudo em Pernambuco, inclusive o meu piano, porque era muito pesado. Mas ele me deu um realejo de presente, uma gaita colorida, da Hering, que tem o costume de dar nome aos instrumentos. A minha era a gaita Sonhadora. E eu, que já tinha noções de piano, vim aprendendo a tocar durante a viagem, fazendo aquelas escalas de criança."

O músico recorda que o que mais o marcou ao desembarcar do navio foi uma banda tocando Cidade Maravilhosa na Praça Mauá. "Essa imagem ficou na minha cabeça até hoje. Meu pai quis recomeçar a vida aqui, mas a cidade grande não era como ele pensava, não era Beverly Hills. Primeiro, fomos para Copacabana, onde moramos num esquema de sublocação na casa de uma família. Passamos um ano lá, meu pai montou um consultório, mas achou que não era bom ficar morando na casa dos outros com mulher e três filhos. Mudamos então para uma casa em Anchieta, sem energia elétrica. Mas a clínica permaneceu em Copacabana. Após um certo tempo, ele não agüentou se manter no bairro e

Rildo com a pianista Maria Tereza Madeira

resolveu ser dentista em casa mesmo. Três anos depois, melhoramos de vida e fomos morar em Madureira, onde fui criado ao som dos tamborins da Portela. Meu pai era o dentista das imediações da escola de samba e minha mãe, professora dos meninos que moravam por ali. Era muito engraçado: papai com o boticão neles na varanda e mamãe alfabetizando-os na sala."

Naquela época, segundo o maestro, havia muitos saraus em botequins do bairro. "Sempre tinha gente tocando choro por lá e eu ficava assistindo às rodas de samba. Minha infância foi toda assim, me criei no meio da malandragem carioca. Morei em Madureira até os 19 anos, quando conheci Lusinete, minha esposa, que é artista plástica e nasceu em Honório Gurgel. Nós nos casamos e tivemos três filhos — Patrícia, que faz vocais há mais de 15 anos em todas as minhas gravações, Misael, que também é músico, e Ziraldo, produtor do Jorge Aragão. E estamos aqui até hoje, tentando descobrir qual o caminho melhor. Acho que o melhor caminho é o da generosidade."

Corredores sonoros

Rildo Hora tocou pela primeira vez em público aos 6 anos de idade, num programa de gaita na rádio Mauá. A Hering patrocinava programas nas emissoras e os gaitistas iam lá como se fossem calouros. Eles tocavam e depois escolhia-se o melhor. E o pequeno caruaruense tirou o primeiro lugar. A empresa continuou financiando esses programas em diversas emissoras, até chegar à rádio Nacional. "Lá, Paulo Gracindo era o apresentador e eu, com 15 anos então, fiquei um longo período tocando todo domingo. Acabei sendo o gaitista principal, e aí participei daquele movimento cultural importante que foi a rádio Nacional. Conheci todo mundo naqueles corredores sonoros: Dalva de Oliveira, Orlando Silva, Jackson do Pandeiro, que ficavam esperando a

> "Cheguei a trabalhar como escriturário na empresa de um amigo do meu pai, que achava que eu precisava ter uma `profissão`. Fiquei dois anos lá, mas pendurado no telefone, conversando com gaitistas"

hora de cantar. Eu ficava por ali conversando e assim minha formação musical foi sedimentada. Na rádio Nacional e em Madureira, ouvindo os bambas locais."

O fera da harmônica de boca tocou de ouvido até os 24 anos. "Fui parar na União Soviética, levado pelo cantor Jorge Goulart, que era comunista e tinha muito trânsito no bloco. Ele organizava turnês por lá com artistas brasileiros. Nosso embaixador ia aos shows, os milicos não se incomodavam, porque não se fazia política, não se falava nada contra a ditadura. Era um espetáculo normal, a caravana musical não apresentava nenhum aspecto subversivo. Goulart era muito popular na Rússia. Quando ele soltava o vozeirão, ouvia-se o barulho de mosca voando."

Foram quatro meses de viagem pelos países comunistas. E o às do realejo era chamado de virtuoso pelos jornais de lá. "Quando eu dizia para os artistas locais que não sabia música, eles não acreditavam. Na volta dessa viagem, passei então a estudar com Guerra Peixe, porque fiquei envergonhado de não saber teoria. Cheguei a trabalhar como escriturário na empresa de um amigo do meu pai, que achava que eu precisava ter uma 'profissão'. Fiquei dois anos lá, mas pendurado no telefone, conversando com gaitistas, como Maurício Einhorn, me preparando para o programa de domingo do Paulo Gracindo. Um dia, me chamaram na diretoria e disseram: 'O senhor está dispensado'. E me deram uma indenização. Eu adorei: com aquele dinheiro, fiquei um ano sem precisar fazer nada. Virei professor de violão e, depois, cantor de boate — inclusive na lendária Cangaceiro — e compositor, com as primeiras canções em parceria com Gracindo Junior, a quem conheci por participar do programa do pai dele e que virou meu padrinho de casamento."

Até que, em 1968, Rildo gravou pela primeira vez como cantor pela RCA Victor. "Não sei por que o diretor da companhia resolveu me convidar para ser produtor. Fiz lá meu primeiro disco, um LP chamado "Músicanossa", um movimento para recuperar a Bossa Nova, que tinha dado uma caída. No teatro Santa Rosa, em Ipanema, formaram-se vários grupos, de mais ou menos cinco pessoas cada, que se apresentavam toda semana, cantando só Bossa Nova. Com o material desses shows, foram feitos três discos em gravadoras diferentes, com gente como Roberto Menescal, Marcos Valle, Mario Castro Neves, até Milton Nascimento chegou a participar. Aí, eu disse: porque vocês não fazem um LP com o Músicanossa, que é um movimento importante? E o diretor falou: 'ok, porque você não produz o disco?´ Eu produzi o trabalho, mas com a intenção de cantar. Cantei duas músicas, cada artista interpretava duas faixas. Foi assim que comecei a ser produtor e continuei como compositor. Até

hoje, vivo administrando esses eus artísticos, que são vários."

Parceiro vermelho

O "eu" compositor pediu certa vez ao multimídia Sergio Cabral que sugerisse o nome de um possível parceiro. Mas com uma ressalva: precisava ser comunista. "Naquela época, a ditadura já estava instalada e eu queria ter um parceiro de esquerda. Eu achava que era comunista – um comunista engraçado, porque acredito em Deus. Tinha ficado impressionado com o que funcionava na União Soviética, educação e assistência médica gratuitas, acesso à cultura. As coisas ruins eu não quis ver. Ao chegar no Brasil, virei comunista, por ser anti-revolucionário. Mas sem a menor prática ou teoria, não tinha lido nada de Marx. Nem sabia que Marx existia quando fui para lá. Aqui, ia aos shows de protesto e fui me enturmando com o pessoal de esquerda. Quando falei com Sergio Cabral, ele me perguntou: 'Você não quer experimentar comigo para ver se eu tenho jeito`? Até então, ele nunca tinha feito letra. Resultado: compusemos mais de 20 músicas juntos."

Na RCA – em que produziu os primeiros discos de João Bosco -, os olhos de Rildo brilharam quando viram que seu conterrâneo Luiz Gonzaga integrava o *cast*. "Uma das primeiras músicas que toquei na gaita foi `Asa Branca`. Chorei quando a ouvi ainda menino, em Anchieta. Pedi, então, ao diretor da gravadora para trabalhar com o Gonzagão. Produzi uns 5 LPs dele e fizemos duas músicas em parceria. E gravei um disco tocando só música do velho Lua, com quem acabei tendo uma aproximação muito forte. Ele é padrinho da minha filha, Patrícia."

Mas chegou uma hora em que o som dos tamborins da Portela falou mais alto e o empurrou para brilhar no mundo do samba. "Levei o Martinho da Vila para a RCA e produzi seus discos a partir de 1971, que estouraram no mercado. Na esteira desse sucesso, chegou a Beth Carvalho. Chamei o Fundo de Quintal para acompanhá-la e acabei produzindo o grupo na RGE. Virei produtor

"Virei produtor do Zeca Pagodinho, que conheci no bloco Cacique de Ramos e a quem também havia convidado para participar do disco da Beth. Depois, vieram Neguinho da Beija-flor, Dona Ivone Lara, Dudu Nobre, que tocava cavaquinho na banda do Zeca...!"

Rildo, Nei Lopes, Zeca Pagodinho e o compositor, amigo de Zeca, Zé Roberto (O Pai Coruja)

do Zeca Pagodinho, que conheci no bloco Cacique de Ramos e a quem também havia convidado para participar do disco da Beth. Depois, vieram Neguinho da Beija-flor, Dona Ivone Lara, Dudu Nobre, que tocava cavaquinho na banda do Zeca...E tem a Casa de Samba, que junta o povo todo."

Esse audacioso projeto que reúne sambistas tradicionais — veteranos e novos — e artistas de outros gêneros musicais encontrou, a princípio, certa resistência de Rildo como realizador. "A idéia do Max Pierre, então diretor artístico da Universal Music, ficou meio confusa na minha cabeça. Eu, estudando com Guerra Peixe e um cara do samba, de esquerda, misturar sambistas com outros estilos, pop, rock...imagina fazer uma coisa dessa! Pensei se queria produzir aquilo, fiz patrulha comigo mesmo. Uma tremenda bobagem, afinal, porque essa química é boa. Juntamos Cássia Eller com Noite Ilustrada, Caetano Veloso com Dona Ivone. Na base do radicalismo, não se teria feito a Tropicália, por exemplo, que foi uma coisa tão boa, que revelou tantos talentos."

chama o Rildo!

Do samba de raiz à Jovem Guarda, muitos dos discos mais importantes da música brasileira levam a grife Rildo Hora. "Durante anos, fui o gaitista de plantão do Rio de Janeiro. Quando precisavam de uma gaita, diziam logo: 'Chama o Rildo'! O Maurício Einhorn era o gaitista da Bossa Nova, da qual eu gostava muito. Como suburbano, tentei me agregar a esse grupo da Zona Sul carioca, mas não consegui, porque não tinha o discurso dele. Chegava com um terno da Ducal — só tinha aquele -, que eu mesmo passava a ferro lá em Madureira: sabia passar roupa, colocava o jornal, fazia o vinco bonitinho. E lá vinha eu de terno em Copacabana, o Roberto Menescal com aqueles olhos verdes, o Carlos Lyra bonitão, a Nara Leão...Eu tocava com eles, mas acabava a reunião e eu dizia: bem, vou embora pegar o lotação para Madureira. Não é que eles não me aceitassem. Era um processo natural de não-inclusão. O Ronaldo Bôscoli já tinha a parceria com o Menescal, o Lyra com o Vinícius, e o cara lá de Madureira com o terno da Ducal querendo entrar numa praia que não era a dele. Mas gosto muito de Bossa Nova, acho-os geniais. Todo mundo no Brasil que toca violão foi influenciado por ela."

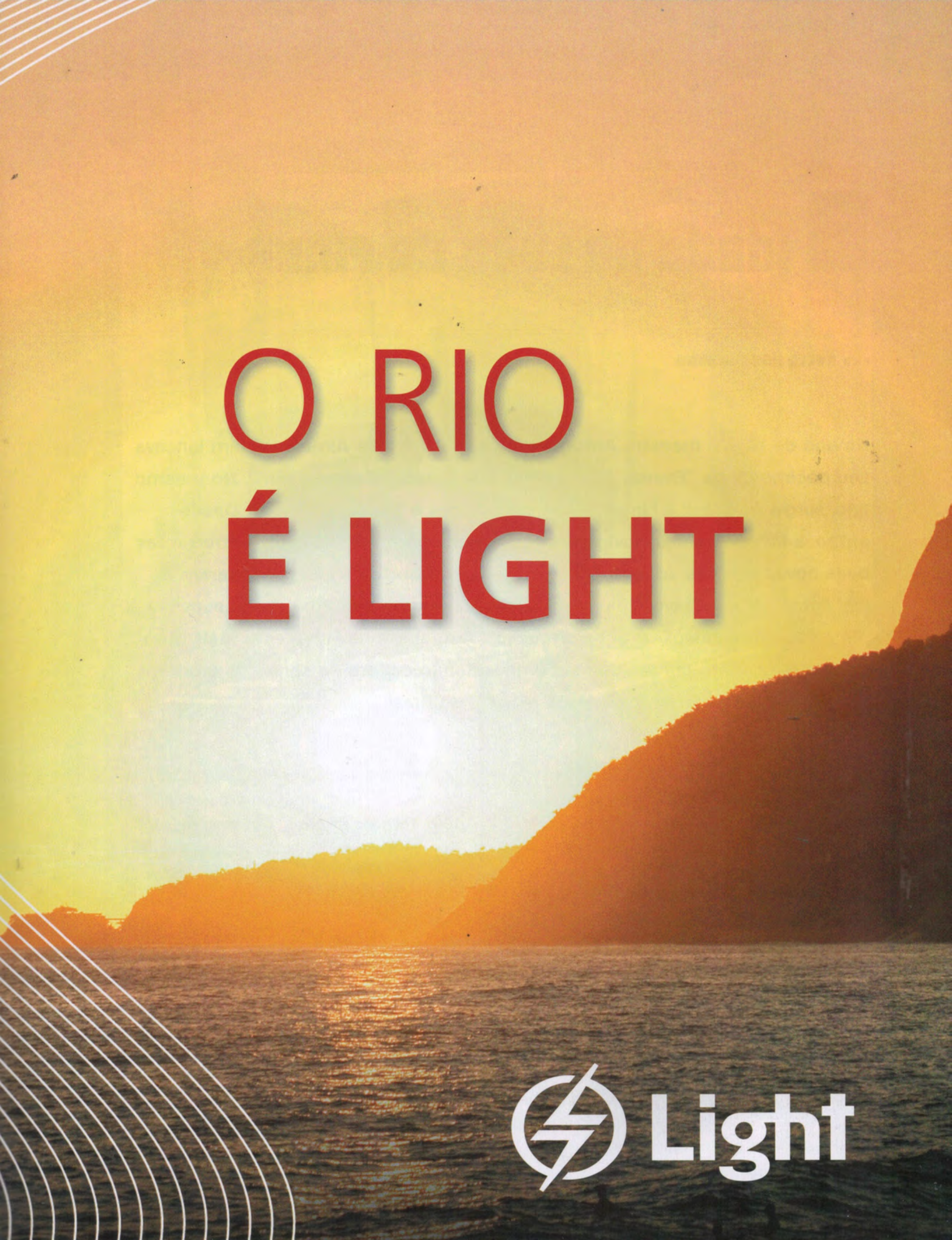
Quando não está no estúdio ou no palco, o pernambucano da Hora tem lá suas carioquices. "A minha relação com a cidade é maravilhosa. Essa é a melhor cidade do mundo. Adoro morar na Lagoa, onde faço caminhadas. Além do exercício aeróbico que abre os pulmões para que eu mantenha a forma física ao tocar o instrumento, enquanto caminho estou o tempo todo cultivando uma mentalização, pensando em coisas boas, da espiritualidade, em Deus. São reuniões comigo mesmo. Assim, decido o que vou fazer na minha vida. Essa é a religião que pratico com ênfase," diz o fã do picadinho no Álvaro´s, no Leblon.

Mas a periferia mantém seu posto cativo no coração do tocador. "Adoro ligar para o povo do samba e perguntar: vocês fizeram feijão hoje? Vou aí comer! Pego meu carro e vou lá para Realengo ou para Madureira tomar um café com bolo. Visito compositores para buscar músicas. Tenho uma relação muito profunda com o subúrbio."

No momento, Rildo concentra suas energias na formação de um quarteto de cordas e gaita de música culta. Nesse campo, um de seus principais trabalhos foi o CD "Ano Novo", em parceria com a pianista Maria Teresa Madeira. "Mas estou me dedicando também à composição de música popular. E adorei tocar para dançar no Carioca da Gema, na Lapa, onde me apresentei durante um ano. Faço muitos recitais Brasil afora, com parceiros eventuais e outros mais constantes,

"A Casa de Bamba gerou agora a cidade do Samba, gravado ao vivo na própria, lá no cais do Porto e feito pelo Max Pierre para inaugurar o Zecapagodiscos. E chega ao final de 2007 com todo gás - quase 200 mil cópias já vendidas em CD-DVD. É o disco do ano"

como o Cristóvão Bastos, que é um deus da música. Produzi um CD — "Novos Traços" — só com músicas dele em parceria com Aldir Blanc, interpretadas pela cantora Clarisse Grova. Esse disco é lindo. Às vezes, o Aldir aparecia com a letra, o Cristóvão ficava sem dormir de noite, chegava no dia seguinte no estúdio e ensinava a música para a Clarisse, que é uma craque, uma cantora maravilhosa. O CD é excelente, um dos melhores trabalhos que produzi." Esse é o Rildo, no melhor caminho da generosidade.


O RIO
É LIGHT
Light

a idade do Lobo da Finep

por Kelly Nascimento

No ano de 1967 o maestro Antonio Carlos Brasileiro de Almeida Jobim lançava seu décimo disco, "Francis Albert Sinatra & Antonio Carlos Jobim". No mesmo ano, surgia no Brasil a Financiadora de Estudos e Projetos, a Finep. Desde então, a MPB viu surgir novidades musicais como o Tropicalismo, entre tantas boas novas sonoras. As quatro décadas de existência da Finep inspiraram o Instituto Cultural Cravo Albin a comemorar o marco de forma muito especial: o projeto "MPB Finep: 40 anos em ação". A quarentona Finep está mais ativa do que nunca. Até porque começou financiando cultura: o sonho do produtor Marcus Pereira de produzir o Mapa Musical do Brasil"

Buscar interseções entre a história da Finep e da MPB. Esse é o objetivo da mais nova empreitada cultural do ICCA. O projeto "MPB 40 anos em ação" é composto de uma caixa com dois livros – um organizado por Ricardo Cravo Albin chamado "MPB 40 anos em ação" e outro, "O Brasil Musical de Marcus Pereira", uma coletânea de textos, organizada pela diretora-executiva do ICCA, Gracinha Melo – e o relançamento em CD do Mapa Musical do Brasil.

No livro organizado por Ricardo Cravo Albin, serão esmiuçados os acontecimentos mais marcantes da música brasileira entre 1967 e 2007. Cada capítulo da obra foi entregue a um jornalista diferente. O time reunido pelo ICCA representa a fina flor do jornalismo cultural: Artur Xexéo, Antônio Carlos Miguel, João Máximo e Luiz Antonio Giron.

Quem abre os trabalhos é João Máximo, enfocando o decênio que se inicia com a criação da Finep, 1967. Foi o ano em que o ex-sargento do Exército, Martinho José Ferreira, decidiu inscrever o partido-alto "Menina moça" no Festival da Record. Também era a época em que as noites da Jovem Guarda da mesma Record, eram líderes de audiência na televisão brasileira.

"É verdade que essa música estava em alta em meados de 1967. Era de fato intenso o movimento musical paulistano, dentro e fora dos estúdios da Record. Continuavam lotados os shows do Teatro Paramount. Boates, bares, casas noturnas, havia música por toda parte. As emissoras de rádio abriam, como nunca, espaço para os mais diversos gêneros e estilos. E a televisão, naturalmente, fazia o

Marcus Pereira

O projeto "MPB 40 anos em ação" é composto de uma caixa com dois livros – um organizado por Ricardo Cravo Albin chamado "MPB 40 anos em ação" e outro, "O Brasil Musical de Marcus Pereira", uma coletânea de textos, organizada pela diretora-executiva do ICCA, Gracinha Melo

mesmo com mais exposição. Muitos compositores e intérpretes do Rio e de outros estados transferiram suas bases para São Paulo. Ou, pelo menos, iam para lá uma vez por semana no trem noturno que Ciro Monteiro, cariocamente, batizou de "avião dos covardes", escreve Máximo.

A década de 1960 foi a do apogeu dos festivais. Deles, lembra Máximo, surgiram grandes novidades. Entre elas, as canções "Domingo no Parque", de Gilberto Gil, e "Alegria, alegria", de Caetano Veloso".(...) As canções de Gil e Caetano, lançando ali os fundamentos do que seria o Tropicalismo, eram mais do que simples novidades. Pela qualidade e pelo que propunham de novo", avalia o jornalista.

A Artur Xexéo, coube o decênio entre 1977 e 1986. O período começa com o marcante show "Pássaro da Manhã", de Maria Bethânia, no Teatro da Praia, no Rio de Janeiro. O espetáculo ficou seis meses em cartaz. Segundo Xexéo, a maior novidade musical do ano de 1977 foi uma outra cantora baiana: Simone Bittencourt de Oliveira, ou simplesmente Simone. "Simone não era exatamente uma iniciante. Baiana, ex-jogadora de basquete, há quatro anos mantinha um contrato com a gravadora Odeon. Aos 27 anos, tinha gravado quatro discos, feito uma excursão à Europa com o sambista Roberto Ribeiro, participado de shows nos Estados Unidos e no Canadá, mas permanecia afastada do sucesso. Estava pensando em desistir. A crítica teimava em classificá-la como uma cantora elitista. Ela queria provar que poderia ser popular. O disco programado para 1977 seria sua última tentativa. Com produção de Renato Correa, o repertório buscava o melhor da MPB. Entre outras, ali estava, de novo, "Começaria tudo outra vez", de Gonzaguinha, uma das músicas do ano", escreve.

A ditadura e a pressão popular por democracia influenciaram as composições daqueles tempos. Era o contexto que permeava "Tô voltando", de Maurício Tapajós e Paulo César Pinheiro; "Cálice", de Chico Buarque e Gilberto Gil, "Senhora Liberdade", de Wilson Moreira e Nei Lopes. Nesse período, surgiria o hino da anistia: "O bêbado e o equilibrista", de João Bosco e Aldir Blanc. A canção foi incluída no disco "Essa Mulher", que Elis Regina lançou em 1979. Um ano depois, a MPB estava de luto. Morriam Vinicius de Moraes e Cartola.

A alegria voltou com o surgimento de uma nova banda no cenário musical: a Blitz! Tocando rock com um quê de *new age*, a banda ganhou o Brasil no verão de 1982 com a música "Você não soube me amar!" O ano foi pródigo em novidades: surgiram no cenário: Eduardo Dusek e Barão Vermelho. E dos grupos de rock nacional, merece também registro o Legião Urbana de Renato Russo.

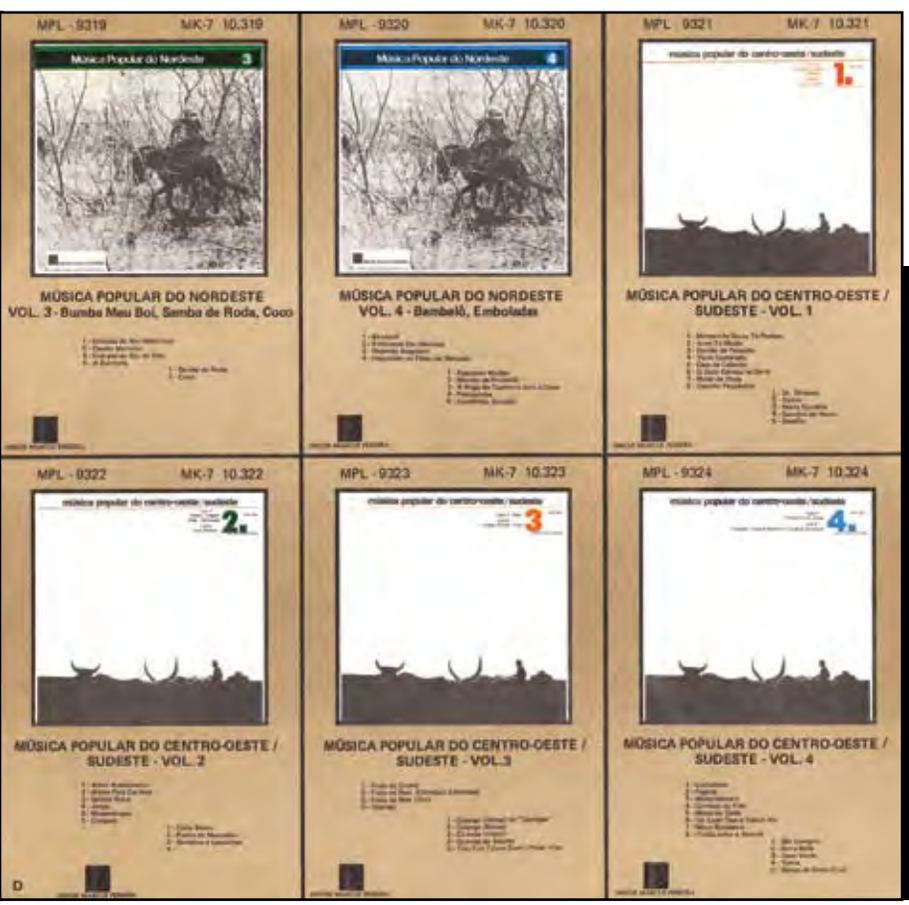
A radiografia musical de 1987 a 1996 ficou por conta de Antonio Carlos Miguel. "Em 1987, ano no

qual pegamos o bastão nessa retrospectiva que cobre os últimos 40 anos da música popular brasileira, o país ainda vivia o auge da geração que ficou conhecida pelo rótulo BRock (termo cunhado pelo jornalista Arthur Dapieve). Um ano antes, a euforia - ilusória, como logo depois ficamos sabendo — do Plano Cruzado ajudara nas vendas astronômicas do disco "Rádio Pirata — Ao vivo", 2,2 milhões de cópias, feito do então último fenômeno do gênero, o grupo RPM", escreve Miguel. O período foi marcado por grandes perdas: as mortes de Cazuza, em 1990, de Tom Jobim, em 1994, e de Renato Russo, em 1996.

Mas houve, também, boas notícias. "Em 1988, o jovem Ed Motta, de apenas 16 anos, é o grande destaque, o vozeirão do Conexão Japeri, que chega às rádios com "Manuel". O sobrinho de Tim Maia, como a mídia não cansava de alardear, e tentava aprisionar, sonhava com muito mais, e logo tratou de concretizar isso. Inspirado no quadrinista americano Will Eisner, ele gravou em 1990 "Um contrato com Deus" (1990). No estúdio, desdobrando-se em quase todos os instrumentos, estavam apenas Ed e seu parceiro, Bom Bom. O disco oferecia novas canções, ainda marcadas pelo soul e pelo funk, intercaladas por vinhetas nas quais Ed passava também por blues, reggae e dub", recorda o jornalista.

E em 1989, foi a vez de Marisa Monte estrear. E encantar a todos. Um ano depois, boas surpresas: Adriana Calcanhoto e Cássia Eller. "Cássia Eller estreou em 1990, em disco que misturava vanguarda paulistana da MPB e rock. E graças à atitude, o ingrediente que tanto contribui (para o bem e para o mal) ao rock, foi apontada como a herdeira do Exagerado — homenageado no disco "Veneno antimonotonia", que ganhou também um show e um disco ao vivo", nota Miguel.

A MPB na virada do século é contada por Luís Antonio Giron. "No período aqui analisado — 1997 a 2007 — a globalização se impôs concretamente.



A maior jóia deixada pela gravadora foi o Mapa Musical do Brasil. Marcus Pereira dividiu o país em quatro regiões geográficas: Norte, Sul/Sudeste, Nordeste e Centro-Oeste e cada uma foi contemplada com quatro LPs que mostravam toda sua diversidade sonora.

Houve uma mudança no mercado da música devido à pirataria e a emergência da distribuição de arquivos digitais pela internet e a conseqüente adaptação dos músicos às novas condições de produção e distribuição da música. As empresas promotoras de espetáculos e instituições públicas e privadas deram espaço a todo tipo de manifestação. A música brasileira continuou a fazer algum sucesso no exterior, embora o mercado para ela não tenha se estabelecido com a mesma força de outras músicas, como a latina, a cubana e a norte-americana, que conquistaram as paradas de sucesso e obtiveram grandes vendagens. No plano internacional, o Brasil manteve o prestígio conquistado pela Bossa Nova, sem o mesmo efeito de influência", avalia.

A inovação veio com Bebel Gilberto, aponta o jornalista. Seu álbum "Tanto Tempo", de 2000, misturou Bossa Nova e música eletrônica e lançou uma tendência mundial. Outros fatos relevantes no período foram a criação da Trama, em 2001, em São Paulo, e Biscoito Fino, em 2002, no Rio de Janeiro. Através das gravadoras, vieram também talentos como Max de Castro, Yamandú Costa, Fernanda Porto e Jair Oliveira. No Rio, a revitalização da Lapa revelou o talento de Teresa Cristina. E a MPB segue se renovando.

a música regional brasileira entra no mapa

Um dos destaques do projeto "MPB Finep: 40 anos em ação" é o resgate do trabalho do produtor musical Marcus Pereira, que confere um charme pra lá de especial à caixa comemorativa: gravações inéditas de Elis Regina e Nara Leão.

O trabalho de Marcus Pereira tem tudo a ver com a Finep. "No final dos anos 1970, a Finep financiou um trabalho de pesquisa feito pelo produtor musical Marcus Pereira, base para o lançamento de um selo que levava seu nome. Na época, o único selo que trabalhava exclusivamente com MPB. Dentre as ações da Finep em prol da música brasileira, o apoio à Discos Marcus Pereira foi a mais importante", comenta a diretora do ICCA Gracinha Melo.

Com 150 títulos lançados, formou uma coleção preciosa e muito importante para a consolidação da indústria fonográfica brasileira. Dentre os títulos estão os primeiros discos de Cartola e de Paulo Vanzolini. E ainda gravações de Alaíde Costa, Chico Maranhão e Papete.

Sem dúvida, a maior jóia deixada pela gravadora foi o Mapa Musical do Brasil. Marcus Pereira dividiu o país em quatro regiões geográficas: Norte, Sul/Sudeste, Nordeste e Centro-Oeste e cada uma foi contemplada com quatro LPs que mostravam toda sua diversidade sonora.

A Discos Marcus Pereira existiu do final dos anos 1970 até 1983. Após a morte de Marcus o selo foi vendido para a gravadora Copacabana. Esta, por sua vez, revendeu o acervo para a Odeon que repassou à EMI. A EMI decidiu priorizar os álbuns de maior apelo comercial — como o de Cartola. O resto, ficou esquecido em arquivo. "Em 2000, tive conhecimento que esse material estava na EMI através da filha do Marcus, Luciana Pereira. Então, eu e a família do Marcus, os filhos Luciana, João Paulo,

Artur Xexéo, Antonio Carlos Miguel, João Máximo e Luiz Antônio Giron são os jornalistas que irão contar as histórias da MPB de 1967 a 2007 no livro "MPB 40 Anos em Ação", com organização e longa apresentação de Ricardo Cravo Albin

A coleção O Mapa Musical do Brasil está sendo remasterizaada pelo ICCA com o respeitado produtor José Milton e será lançada, em maio, numa caixa com oito CDs e dois livros

Felina e a ex-mulher Carolina, fizemos uma proposta à Finep para reeditá-lo", recorda Graça.

Proposta feita, proposta aceita. Em 2007, nos 40 anos da Finep, o ICCA encaminhou à financiadora uma sugestão de uma pesquisa histórica sobre a sua participação na MPB. "Para esse projeto acontecer, temos trabalhado desde o ano 2000. Pesquisamos em todo o arquivo da família, do Museu da Imagem e do Som, nos jornais do Norte, Nordeste, Sul e Sudeste. Recolhemos farto material sobre a época", diz.

Com previsão de lançamento em maio de 2008, quando se encerram os festejos dos 40 anos da Finep, o projeto vem sendo aguardado com grande expectativa por todo meio musical e pelos amantes da música.

Pérolas de cada região

Para realizar o mapa musical, Marcus Pereira se juntou a pesquisadores locais. Inicialmente, eles mapearam geograficamente a música de cada região, cada manifestação sonora de cada grupo, como conta Graça Melo: "Ele buscou saber o que existia em atividade em matéria de grupos populares e bandas regionais. Chegou a nomes como a Banda de Pífanos de Caruaru, que, até aquela época, nunca tinha gravado um disco. Aconteceu o mesmo com o conjunto dos Tapes, do Rio Grande do Sul".

Depois do mapeamento de cada região, eram selecionadas algumas músicas que eram entregues aos mais importantes arranjadores da época, como o maestro Rogério Duprat. A partir daí, as músicas ganhavam uma versão mais elaborada e eram apresentadas aos grandes intérpretes. Elis Regina, por exemplo, emprestou sua voz para as tradicionais canções do Sul. A musa da Bossa Nova, Nara Leão, gravou músicas antológicas e até do folclore do Sudeste. Renato Teixeira, autor de "Romaria", também participou do projeto, entre muitos outros.

Os discos do Mapa Musical traziam músicas tradicionais tocadas por seus autores e gravadas *in loco* e outras tratadas musicalmente e interpretadas por nomes consagrados da MPB. "Acho que o mais relevante nessa coleção do Marcus foi o fato de ser a primeira vez, desde a viagem musical de Mario de Andrade, que a música popular tradicional do Brasil foi gravada e disponibilizada para o público, em meio fonográfico". Graça se refere ao diário "Turista Aprendiz", viagem que Mario de Andrade fez Brasil afora registrando a música brasileira.

A coleção está sendo remasterizada pelo ICCA e os 16 Lps originais serão transformados em oito CDs, acomodados numa caixa batizada de "Mapa Musical do Brasil". Todos os textos originais de Marcus, feitos à época, serão mantidos. A novidade fica por conta de um estudo produzido pelo ICCA sobre as manifestações culturais apresentadas no Mapa. A parte de pesquisa relacionada a Marcus Pereira foi coordenada por Gracinha Melo e pelo historiador Bruno Câmara. A coordenação geral do projeto é de Ricardo Cravo Albin.

Graça tem uma ligação especial com o projeto. "Tinha 19 anos de idade e era bolsista da Fundação Municipal de Cultura, em Recife. Eu pesquisava o universo do Carnaval, da cultura popular. Então, Marcus chegou à cidade para gravar um disco de frevo, com apoio da Fundação. Fui cedida para trabalhar com ele. Foi um momento muito especial. Aprendi muito com Marcus." Com tanto afeto envolvido, pode-se imaginar o resultado do trabalho.

a magia dos acordes sublimes do Dr. Guinga

por Mônica Sinelli

Quando ele nasceu um anjo louco, desses que vivem na luz, soprou: vai, Carlos, ser assombroso na vida. Linhas harmônicas e melódicas que desafiam a percepção. A modulação perfeita entre intensidade e delicadeza. Acordes que saem do fundo infinito. Está tudo ali. Senhores, por favor, silêncio. Isso é música do céu. Música de sonhos. Isso é Guinga! Que foi, aliás, o penúltimo homenageado de 2007 no Sarau da Pedra, realizado embaixo das mangueiras centenárias do Instituto Cultural Cravo Albin, na Urca.

Dom Carlos Althier de Souza Lemos Escobar, rei das harmonias desconcertantes, chega de bermuda, camiseta e tênis. Esse é o traje que Guinga usa para fingir que é desse planeta. E para contar sua história povoada de nobreza das ruas do Rio, ele que se autoconfere o título de puro sangue azul de Madureira.

Suíte Leopoldina

"Meu pai chamava-se Althier da Silva Escobar. Althier é um nome que não existe. Seria Altieri, mas minha avó, que não tinha instrução, inventou esse nome. Eram pessoas muito pobres lá da Leopoldina, sem cultura nenhuma, gente de uma pobreza ímpar. Minha mãe é Inalda Figueiredo de Souza Lemos Escobar. Aí fiquei com esse nome assim, em que os espaços nunca dão para assinar. E Guinga vem de gringo, porque sou muito claro. Não parece, porque pego muito sol e tem negro na família. Então, há muita melanina na parada e eu vivo no sol, fazendo exercício e jogando futebol — você sabe que eu não trabalho, sou salva-vidas," brinca o atleta do Leblon, onde mora hoje. "Eu era muito branquinho e minha tia me chamava de gringo. Quando comecei a falar, ouvia 'gringo' e mandava 'guinga'. Naquela época, eu já ouvia tudo errado: ouvido obsoleto. Eu e Beethoven." Humor absoluto.

De Madureira, Guinga foi para Jacarepaguá e Vila Valqueire. A música veio da família, que tinha sensibilidade apurada. "Meu pai era sargento da Aeronáutica e adorava música. Da parte da minha

mãe, todos tocavam e cantavam. Quando meus pais se separaram, fui morar com ela na casa da minha avó e dormia no quarto do meu tio Marco Aurélio. Eu tinha 7 anos, queria dormir, e ele não deixava. Ficava tocando no violão tudo da música brasileira. Mal sabia eu que já estava aprendendo. Uma vez, meu tio saiu e eu, com 11 anos, vi o violão num canto. Nunca mais esqueço desse dia. Peguei o instrumento e consegui fazer a batida do samba com a mão direita, com as cordas soltas, sem fazer nenhuma posição. E pensei: que coisa fácil tocar violão! De noite, quando meu tio chegou, pedi para me ensinar umas posições. Ele foi meu primeiro professor."

O tradutor sonoro dos subúrbios lembra que, quando se mudou de Vila Valqueire e voltou para Jacarepaguá, tinha um vizinho que era músico profissional, chamado Paulinho Cavalcanti. "Quando o vi tocar, fiquei louco e pedia para me ensinar coisas da Bossa Nova. Foi ele quem me apresentou ao Hélio Delmiro, quando eu tinha 14 anos. Meu aprendizado foi assim, vendo os outros tocar. Ia para os bailes e serestas assistir aos violonistas e guitarristas. Ouvia os discos e ficava tentando tirar as músicas."

Como compositor, Guinga estreou profissionalmente aos 17 anos, no Festival Internacional da Canção de 1967. "Participei com — olha o cacófato! — "Sou só solidão", música de um garoto ingênuo. Eram duas mil músicas concorrendo e 24 classificadas. Para mim, foi uma honra estar entre elas, ao lado de Pixinguinha. Quando vi o Milton Nascimento cantar e tocar "Travessia", no mesmo dia em que me apresentei, eu disse: está aparecendo um negócio que nunca vi igual na minha vida. Nem aquele tipo de música, nem aquela voz. Ele chegou com uma estética completamente

diferente, tanto que influenciou os caras da Bossa Nova. Era uma coisa absurda". A primeira canção, aliás duas — "Maldição de Ravel" e "Conversa com o coração"-, ambas em parceria com Paulo Cesar Pinheiro, foram gravadas em 1973 pelo MPB4.

O poeta dos sons

Começava ali a construção de uma obra iluminada e profundamente identificada com a sua cidade. "Se há uma coisa que me estimula fora a vida em si, o impalpável, aquilo que não se pode ver, essa fonte de inspiração tremenda é o Rio de Janeiro. Eu conheço os buracos da cidade mesmo. Tenho uma convivência íntima com ela. Desde criança, sempre fui rueiro," atesta o poeta dos sons e ex-Dr. Guinga, que aposentou o som do motorzinho depois de 30 anos de atividade paralela à música como dentista.

"Ao lado da jornalista Márcia Cezimbra Guinga reiterou para mais de 100 convidados no Instituto Cultural Cravo Albin: se há uma coisa que me estimula fora a vida em si, o impalpável, aquilo que não se pode ver, essa fonte de inspiração tremenda é o Rio de Janeiro. Eu conheço os buracos da cidade. Tenho uma convivência íntima com ela. Desde criança, sempre fui rueiro."

"Uma das coisas que me dá mais prazer é ir para Santa Cruz da Serra, perto de Xerém, aos sábados de manhã, para jogar futebol. Pego três ônibus, porque não sei dirigir. Quem me levou para lá foi um cara que teve uma importância fundamental para a minha música, um violonista chamado Haroldo Bessa, que nunca foi profissional. Era um gênio tocando e amigo íntimo do Garoto, de quem conheço toda a obra por intermédio dele. Haroldo era namorado da minha mãe e amigo do meu avô e dos meus tios. Se ainda estivesse vivo, estaria com 90 anos. Havia muita diferença de idade entre nós. Foi a primeira vez à minha casa quando eu tinha 12 anos e ele, 40. Quando começou a tocar, o mundo desabou para mim. Fiquei completamente alucinado. Além do repertório do Garoto, vieram choros de Pixinguinha, Laurindo de Almeida, Villa-Lobos, standards da música americana. Ele mudou o meu foco, porque até então eu só ouvia Bossa Nova, Baden Powell e seresta. Aí, conheci um violão que eu não sabia que existia. Minha mãe disse: ´toca para ele ver, Guinga´. E eu toquei. Ele virou-se para minha mãe e disse: ´que beleza, Inalda, teu filho leva o maior jeito!´ E pediu para eu tocar mais. Moral da história: eu acabei me tornando seu maior amigo dentro da minha família. Ele acompanhou todo o meu crescimento como gente e como músico."

Na época, Haroldo, que morava na Penha, jogava bola todo sábado com uma turma em um sítio em Santa Cruz da Serra e levou Guinga para lá. "Eu era o caçula, tinha 26 anos e os outros, em torno de 50. Hoje, com 58 anos, sou um dos mais velhos. Muitos já morreram e, dos que sobraram, só eu continuo jogando. Mas jogo bola também há 22 anos toda quarta-feira no Clube dos Macacos, no Horto, e no campo do Chico Buarque, às segunda e quintas. São as coisas que eu mais gosto de fazer," declara o vascaíno doente, cujo talento nas quatro linhas já foi elogiado até por Roberto Dinamite.

O ourives do violão diz que só foi estudar o instrumento aos 27 anos, quando já estava casado com Fátima — com quem tem duas filhas, Constance e Branca — e atuava como dublê de dentista e músico profissional, tendo acompanhado nomes como Cartola, Beth Carvalho, Clara Nunes, Alaíde Costa e João Nogueira. "Eu já havia largado a profissão de músico, porque me achava muito analfabeto por tocar de ouvido. Minha alma é de compositor, sou um concertista das minhas músicas. Na minha opinião, os maiores violonistas do mundo e de todos os tempos são André Segovia, Julian Brean e Marcos Tardelli, este um brasileiro de menos de 30 anos e que eu nunca vi nada igual na minha vida. E Villa-Lobos (a quem Guinga homenageia explicitamente em seu mais recente CD, "Casa de Villa") é um dos maiores compositores do planeta. Para mim, ele descansa ao lado de Bach, Mozart, Beethoven, Tchaikovsky e Chopin. Esses estão além do que seja um compositor. São fenômenos da natureza, como um iceberg, uma cordilheira, uma explosão solar. Villa-Lobos não é um compositor, é uma aurora boreal. E a natureza leva um tempo para se reciclar. Já nasceu um novo Michelangelo??", pergunta o grand canyon.

Parceria de cristal

Guinga tem em seu cata-vento o que há no girassol de Aldir Blanc, seu parceiro mais constante ao lado de Paulo Cesar Pinheiro, que apresentou os dois no antigo estúdio da gravadora EMI-Odeon, durante a audição do último disco de Clara Nunes. "Nesse LP, havia uma música minha e do Paulinho chamada "Cinto Cruzado" e fizeram uma audição para os compositores e arranjadores que participaram do trabalho. Aldir estava lá. Trocamos um muito prazer e mais nada, ele muito tímido e eu também."

O compositor conta que, anos depois, em 1988, o violonista Rafael Rabello intermediou um encontro dos futuros parceiros. "Eu tinha ouvido uma música no carro e me emocionado muito com uma frase que nunca mais esqueci: 'A tua gargalhada quebra o cristal de muita gente fina'. Aquilo bateu no meu peito e pensei que deveria ser coisa do Aldir Blanc. Mas de quem seria aquela melodia que eu havia adorado também? Não era João Bosco. Fiquei esperando o locutor anunciar a autoria — era uma parceria do Eduardo Gudin com Aldir. Aí, falei: tenho que fazer música com esse cara. Até então, eu compunha apenas com o Paulinho Pinheiro. Rafael, que foi também um dos grandes

do violão, marcou um encontro na casa do Aldir. Lá, conversamos, toquei umas músicas para ele e nossa primeira parceria nasceu um ano depois e se chama "Esconjuros". Quem gravou foi Leila Pinheiro e acabou sendo ela a fazer um CD só com músicas nossas, o 'Catavento e Grirassol´, lançado em 1996." Para Guinga, Aldir é o maior letrista do Brasil ao lado de Chico Buarque, também seu parceiro. "Tenho o mesmo amor pelos dois. Chico é o mais que perfeito. Aldir, o mais que profundo."

casa de guinga

E o mistério da criação, onde habitará, segundo quem transita com tamanha maestria nesse insoldável mundo? "A explosão da criação pertence ao jovem, porque ele tem a sensação da eternidade, de que é o dono do mundo, todo-poderoso. E nada ajuda e atrapalha tanto quanto a ignorância. Quem ignora, ousa. Quem não sabe onde está o perigo, vai indo em frente. Está arriscado a cair no precipício, mas pode também ultrapassá-lo e chegar no paraíso. Com a boa ignorância, aquela sensação de poder, você é visitado pela inspiração e sai produzindo feito um alucinado. Até os 40 anos, eu compunha igual a um louco. De repente, a gente vai ficando mais velho e começa a se desiludir. A ilusão também ajuda muito. O escritor Guilherme Figueiredo tinha uma frase linda: 'A fantasia corrige a realidade`. Se você cair demais na realidade, acaba não compondo. Criva tudo de uma tal maneira com uma autocrítica tão monstruosa que não compõe, achando que está plagiando a si próprio. Há um momento na vida em que se é muito sensorial. Depois, passamos a ser menos `motor`, apagamos mais do que escrevemos."

Para o artífice das cordas, sem inteligência não existe um grande artista. "Mas eu acredito na inspiração. A música vem do impalpável, do absoluto e essas coisas pertencem a Deus. Onde o homem não vai, só Deus pode ir." Palavras de quem é tocado por Ele. Se assim é, do absoluto vem e se materializa a celestial Casa de Guinga. "Só eu sei o que fiz para poder fazer uma obra. Só eu sei o sacrifício. Eu não dormia. Saía de casa às cinco da manhã para abrir a minha clínica às seis e meia e ficava lá até as dez da noite. Nunca tirei férias. Compunha dentro do consultório e deixava de dormir para criar — só dormia uma média de três horas por noite." Pois o universo agradece a cada minuto insone. Vai, Guinga, que a música te dê sempre na mesma e intensa medida da sua entrega a ela.

"Sem inteligência não existe um grande artista. Mas eu acredito na inspiração. A música vem do impalpável, do absoluto e essas coisas pertencem a Deus. Onde o homem não vai, só Deus pode ir."

Quatorze músicas bem maiores que o seu século

por Kelly Nascimento

Escolher a música brasileira do século não é tarefa das mais fáceis. Essa gente bronzeada é pródiga em criatividade e talento musical. E nessa terra de Tom, Ary, Gil e Caetano o que mais tem é canção bonita. Pois a Academia Brasileira de Letras aceitou o desafio e prepara um CD com as "inquestionáveis" da MPB. O mimo faz parte das comemorações dos 110 anos da casa de Machado de Assis, em 2008. Nada mais justo. Afinal, música e poesia são como a corda e caçamba: a dupla perfeita.

Muitos foram os poetas que tiveram suas composições musicadas: Machado de Assis, Olavo Bilac, Jorge Amado, Manoel Bandeira... a lista é longuíssima. O projeto da Academia "As letras que o Brasil canta" pretende celebrar essa relação fraterna. O júri da ABL escolheu as 17 canções de diversos compositores consideradas as inquestionáveis representantes do melhor da música popular brasileira. Quem esteve à frente da proposta foi o acadêmico Marcos Vilaça, quando presidente da Casa.

A lista é um delicioso passeio pelos ritmos brasileiros. Estão lá "Chão de estrelas" (Silvio Caldas/ Orestes Barbosa), "Casinha pequenina" (domínio público), "Feitiço da Vila" (Noel Rosa/ Vadico), "Luar do sertão" (Catulo da Paixão/

Cearense/ João Pernambuco), "Samba da minha terra" (Dorival Caymmi), "Odeon" (Nazareth/ Vinicius Moraes), "O bêbado e o equilibrista" (João Bosco/ Aldir Blanc), "As rosas não falam" (Cartola), "A flor e o espinho" (Nelson cavaquinho/ Guilherme de Brito), "Aquarela do Brasil" (Ary Barroso), "A mesma rosa amarela" (Capiba), Carinhoso (Pixinguinha/ João de Barro), "Chega de saudade" (Tom Jobim/ Vinicius de Moraes), "Felicidade "(Lupicinio Rodrigues), "Quem te viu, quem te vê" (Chico Buarque), "Amanheceu, peguei a viola" (Renato Teixeira) e "Azulão" (Jaime Ovalle/ Manuel Bandeira).

A iniciativa inclui ainda uma prenda extra: um DVD com Clara Sandroni interpretando outras cinco das canções especiais da MPB. "Dentre as várias manifestações em torno dos 110 anos da ABL, está a produção de um DVD, gravado na própria Academia. Fiquei muito feliz ao ser convidada para tocar essas canções que marcaram a MPB", conta Clara. As escolhidas, como bônus, para o repertório do DVD são "Coração Triste" (Alberto Nepomuceno/ Machado de Assis), "Samba do avião" (Tom Jobim), Rosa (Dorival Caymmi), "Se acaso você chegasse "(Lupicinio Rodrigues) e "Isto é o que é" (Ary Barroso).

Não é a primeira vez que as trajetórias da ABL e da MBP se cruzam. Em novembro de 1997, nosso templo das letras reuniu um grupo de treze notáveis para escolher a "Música do Século". A concepção do projeto de eleger a música mais importante da MPB nos últimos cem anos foi de Ricardo Cravo Albin. Na época, a acadêmica Nélida Piñon presidia a instituição e organizou um belo show para exibir as músicas escolhidas. A vencedora foi a realmente inesquecível "Aquarela do Brasil", de Ary Barroso.

O júri foi composto por 13 pessoas, entre críticos e pesquisadores da MPB: Albino Pinheiro, Ary Vasconcellos, Carlos Rennó, Jairo Severiano, João Máximo, Joaquim Ferreira dos Santos, Lena Frias, Luiz Fernando Vieira, Okky de Souza, Ruy Castro, Sérgio Cabral e Tárik de Souza.

"Ao final do milênio, muitas foram as pesquisas feitas sobre as canções mais significativas do século XX, ou as melhores, ou até historicamente aquelas que seriam as mais importantes". Cravo Albin acentua que "música popular no Brasil, como estamos fartos de saber, é mania nacional, tanto quanto o futebol. Cada um de nós tira sempre da algibeira, se questionado, ou mesmo não sendo, suas melhores canções, que variam de acordo com os humores da hora, e até mesmo com as lembranças de outras, que uma vez recordadas por algum motivo, vão substituindo alegremente as primeiras, quase que em cascata. No final de 1997, antecipei-me a todas as pesquisas e promovi a primeira consulta aos críticos mais importantes do Brasil. E o resultado foi anunciado, no auditório da ABL, por minha fraterna amiga Nélida Piñon, então presidente da Casa, durante as comemorações dos seus cem anos de fundação".

Do projeto, saiu uma privilegiada relação de músicas, que resultaram na caixa de CDs "As 100 melhores do Século e as 14 +". Essa caixa mereceu admirações ilutres. Um devoto do trabalho é o embaixador Jerônimo Moscardo, que a está indicando ao Banco do Brasil, no sentido de editá-la e distribuí-la aos mais de 100 mil funcionários. A caixa original, aliás, contemplava as 20 melhores músicas de cada década, além das 14 melhores do século. Com a obra, é possível acompanhar o período em que a música popular brasileira começava a se encorpar, ao fim do século XIX. Passa pela Época de Ouro, a partir dos anos 1930 à efervescência da Bossa Nova aos rocks dos anos 1980 e as novidades dos anos 1990. Criatividade, afinal de contas, não falta à nossa gente.

Pitanguy, o senhor do mundo

por **vera de souza**

Você já foi à Bahia, nego? E Paris? Roma? Butão? Madagascar? Pois bem, em qualquer um destes lugares a expressão máxima da brasilidade, integrando um trio quase místico com Pelé e Niemeyer, é o senhor de todas as artes do corpo, mestre Ivo Pitanguy. Tudo que puder ser dito sobre este híbrido e artista plástico renascentista estará aquém da sua altura. Sugerimos aqui que nos modelos de alfabetização nas escolas brasileiras esteja contida a frase "Ivo, viu a vida!". Aliás, Ivo deu a vida.

Mineiro de Belo Horizonte, nascido há 81 anos, filho de um cirurgião e de uma amante da poesia, conta que ainda jovem, ao contrário dos quatro irmãos e dos amigos, que já sabiam o que iriam fazer quando crescessem, ele não se sentia arrebatado por qualquer vocação. "Minha paixão eram os livros, a pintura, a poesia. Através das artes, sentia-me transportado para uma outra realidade. Vivia sonhando."

Mas o que fez o professor em seus quase sessenta anos de carreira? Pura arte, sem dúvida. Nesse período foram mais de 60 mil cirurgias. E até hoje exerce suas atividades praticamente no mesmo ritmo, em sua clínica ou atendendo de graça, às quartas-feiras, na Santa Casa do Rio.

Quando resolveu cursar medicina seu pai lhe prometeu ajuda. Como era muito jovem para ingressar na faculdade passou a assistir às consultas do pai. Até que um dia o pai lhe informou que iria assistir a uma cirurgia. "Fiquei emocionado. Vesti as roupas próprias e segui para a sala. Vi meu pai usando o bisturi e o sangue aparecer. Com a boca seca contemplava o espetáculo e comecei a sentir náuseas. Perdi a consciência."

Pitanguy conta que acordou no gabinete do pai, atendido por uma enfermeira. Quando o pai retornou, contou que estava envergonhado. Para sua surpresa o pai lhe disse que havia passado pelo mesmo. E que para vencer esse sentimento era preciso se tornar racional.

O tempo passou e a lição foi aprendida. Com louvor, diga-se. Em dezembro de 1961, o cirurgião teve uma atuação magnífica no tratamento das vítimas do incêndio do Grande Circo Norte-Americano, em Niterói. Pitanguy, que na época dirigia o Serviço de Cirurgia Reparadora

da Santa Casa de Misericórdia, fez verdadeiros milagres para recuperar os feridos. Segundo o cirurgião foi a experiência que marcou mais fortemente a sua vida." Lembro como se fosse hoje. Estava indo para a Santa Casa quando ouvi pelo rádio do carro a notícia da tragédia. Desviei meu roteiro, tomei a barca e, junto com Odir Aldeia, Adolfo, Ronaldo, Ramil e outros colegas que já se encontravam em Niterói, comecei a organizar um pequeno time que nos pudesse ajudar, naquele ambiente de desespero que se apossou da cidade. Era preciso controlar a multidão, dar ordem ao caos, reabrir o Hospital Antônio Pedro, que estava fechado por uma greve dos funcionários e criar um sistema de atendimento a todos aqueles queimados", conta em seu livro de memórias "Aprendiz do Tempo".

Os resultados obtidos durante a tragédia permitiram reconhecer em profundidade o valor da luta de Pitanguy pela valorização da cirurgia plástica.

Ele conta que à época resolveu reler "Dom Quixote de La Mancha" e que pôde compartilhar intimamente do humor, dos sonhos e dos anseios resgatados por Cervantes em seu profundo conhecimento da alma humana. "Um certo quixotismo — aliado ao bom senso de Sancho Pança — me persegue a vida inteira".

chegada ao Rio

Se de um lado Pitanguy tinha o desejo de vir ao Rio para aperfeiçoar seus conhecimentos em medicina, de outro pesava a decisão de deixar seus pais.

A Segunda Guerra ainda não havia acabado e por já ter feito um período militar na Cavalaria, um dia o Exército o chamou para suas fileiras, onde seria incorporado aos Dragões da Independência. Poderia ter optado por Três Corações ou Juiz de Fora, em Minas, mas o melhor curso de medicina estava no Rio de Janeiro. "Portanto, foi trotando lentamente que parti para o Rio de Janeiro", conta.

Aqui, foi imediatamente estudar medicina na Praia Vermelha. Ou seja, pela manhã se ocupava como subtenente, à tarde, fazia faculdade, até prestar concurso e se tornar assistente-interno do Hospital Pronto-Socorro (atual Souza Aguiar). O sucesso desse ritmo alucinante, que manteve por dois anos, ele atribui aos muitos anos de prática esportiva. "Aqui não tinha tempo, mas em Belo Horizonte pratiquei natação, equitação, jiu-jítsu com o mestre Gracie, vôlei e tênis. O esporte além de me dar essa robustez me deu a disciplina. O esporte faz com que jamais você se torne *remplie de soi même* ".

Mesmo em meio à vida agitada, ele conta que teve tempo de conhecer o Rio e descobrir que esta era cidade onde queria viver. "Quem visita o Rio de hoje não pode imaginar o que era então a Cidade Maravilhosa. Copacabana, Ipanema, Leblon e São Conrado não eram ainda essas altas muralhas de edifícios. A imensidão da capital me desconcertava, mas o temperamento expansivo dos cariocas me fascinava."

A exemplo da maioria dos estudantes, Pitanguy não era rico. Morava com um grupo de amigos mineiros em um apartamento na Praia do Russel. Foi através de um desses amigos que foi apresentado a um outro mineiro ilustre, o escritor Aníbal Machado. Na casa de Aníbal conheceu sua filha, Maria Clara, a atriz Tônia Carreiro, Vinícius de Moraes e Tati. "Foi Aníbal Machado que me fez descobrir as belezas das escolas de samba".

A convivência com amigos mineiros ou cariocas levou Pitanguy de volta à felicidade de sua terra natal. E eram muitos: Fernando Sabino, Otto Lara Resende, Paulo Mendes Campos, Helio Pellegrino, Rubem Braga, Millôr Fernandes, Ziraldo, Leon Eliachar e tantos outros.

Já sem as atribuições militares, permitia-se a outras aventuras. E foi no Leblon que teve uma revelação sobre a beleza. "Quando pisei pela primeira vez a Praia do Leblon, fiquei sem respiração. Todas aquelas mulheres de corpos acetinados ao sol e de pele dourada me pareciam deusas de um novo Olimpo. Para chegar lá, não me importava de sacolejar quase uma hora dentro do bondel."

Nessa época ele percebeu a importância quase obsessiva que homens e mulheres davam aos seus corpos "Essa preocupação se deve ao clima, que permite, durante grande parte do ano, expor-se ao sol e gozar o mar."

Ainda nos anos 1940, quando pertencia a equipe de emergência do pronto-socorro, Pitanguy freqüentou as favelas. "De jaleco branco e maleta na mão, conheci toda espécie de gente e amizades nasceram."

A mais curiosa, talvez, tenha sido a que se travou entre o médico e Madame Satã. Num de seus plantões Satã chegou com seis policiais inchados ao hospital. Pitanguy perguntou a Satã se ele estava sofrendo e ele, com sua voz doce, respondeu "Eu não. Mas, eles sim".

Madame Satã ficou preso na Ilha Grande por muitos anos. Pitanguy só iria reencontrá-lo quando a emblemática figura da Lapa já estava com 72 anos. "Ele saiu do presídio e foi morar na Ilha Grande, onde se tornou pescador. Por diversas vezes estive com ele pescando. Seus conhecimentos do mar e sua experiência nas mais tortuosas marés da vida lhe haviam ensinado bons lugares onde encontrar robalos, que voltavam sempre às mesmas tocas".

As histórias são muitas, algumas bem divertidas, como a de Durvalino que era o "rei" da Rocinha. Grande capoeirista trazia no nariz as marcas das lutas. Quando procurou o professor na Santa Casa, ele explicou que seriam neces-

Divulgação

"Quando pisei pela primeira vez a Praia do Leblon, fiquei sem respiração. Todas aquelas mulheres de corpos acetinados ao sol e de pele dourada me pareciam deusas de um novo Olimpo. Para chegar lá, não me importava de sacolejar quase uma hora dentro do bonde"

Divulgação

Eleito em 1990, Ivo Pitanguy ocupa a cadeira número 22 da Academia Brasileira de Letras. Mais do que imortal ele é o verdadeiro criador da beleza

sárias duas cirurgias. Foi feita a primeira e ele nunca mais voltou. Até que um acaso os fez se reencontrar. Pitanguy quis saber se não tinha gostado da operação. E Durvalino disse: "Nada disso, doutor. É que antes eu tinha uma família só e depois da operação arrumei outra. Se com esse cotoco a minha vida já virou uma loucura, se fosse lá completar o serviço como é que eu ia me virar para dar conta de três ou quatro?"

Pitanguy lembra que a favela lhe ensinou muito sobre solidariedade. E lamenta que hoje praticamente os jovens médicos não possam ter essas experiências sociais inestimáveis, pois esse trabalho é feito por paramédicos.

Mas o conhecimento adquirido naqueles anos ainda era pouco para Pitanguy. Queria aprender mais. Resolveu prestar concurso e ganhou uma bolsa de estudo para se aperfeiçoar nos EUA. Depois de dois anos voltou ao Brasil e iniciou sua batalha para mostrar a importância da cirurgia reparadora. Mesmo depois de ter feito sua pós-graduação na França e dar continuidade aos seus trabalhos no Pronto Socorro e na Santa Casa ainda persistia a incompreensão em torno da cirurgia plástica. Foi uma batalha difícil de vencer. Mas o tempo, senhor do destino, fez com a especialidade se tornasse um realidade no país e seu sinônimo, sem dúvida, se chama Ivo Pitanguy.

Reconhecido mundialmente e aclamado em todos os países, o professor diz que a homenagem que lhe trouxe emoção mais intensa foi ser o enredo da escola de samba Caprichosos de Pilares, no carnaval de 1999, "No universo da beleza, mestre Pitanguy". "Fui com toda a minha família, minha mulher, Marilu e meus filhos, Helcius, Gisela, Ivo e Bernardo". Ainda hoje, o cirurgião diz que o refrão "O amor faz a vida rejuvenescer/ A saúde traz a paz, gostoso é viver", não lhe sai da cabeça.

amor à natureza

O amor pelos animais vem desde a infância e foi alimentado por sua mãe, que um dia lhe explicou que insetos grandes ou pequenos, eram todas criaturas do Senhor e necessários ao equilíbrio natural. Por conta dessa paixão, o menino Ivo por duas vezes deixou em pânico sua família. Uma ao levar escorpiões para casa

e outra, quando se tomou de amores por uma jibóia que resolveu criar.

Passados esses arroubos, hoje Pitanguy tem no último andar de sua clínica, em Botafogo, alguns animais, como carpas e pássaros, que lhe garantem momentos de bem-estar. Além disso há alguns anos adquiriu a Ilha dos Porcos Grande, na baía de Angra, onde procura manter todos os elementos da Mata Atlântica. "Não crio animais, convivo com eles. Amo minha ilha. Com Marilu e meus filhos, nos empenhamos em conquistá-la sem modificar sua natureza. Como uma mulher eu a modelei, respeitando sua estrutura selvagem e bela".

Eleito em 1990, Ivo Pitanguy ocupa a cadeira número 22 da Academia Brasileira de Letras. Mais do que imortal ele é o verdadeiro criador da beleza.

A Promessa da Felicidade

A famosa fila do professor Ivo Pitanguy, ganhou versão cinematográfica. "Novela da Santa Casa - A promessa da felicidade", teve pré-estréia em outubro na Maison de France.

Ainda sem data prevista para estrear nos cinemas e na televisão brasileira, o documentário dirigido pela francesa Katy Levy acompanhou de março a junho de 2006, candidatas a uma cirurgia plástica estética e enfocou a fila como "um signo de esperança". O filme que tem duas versões, em 50 e 80 minutos, será apresentado nesse final de ano na TV francesa. No Brasil, Katy pretende mostrá-lo no próximo "É tudo verdade". "O filme tem a cara do festival", observa a diretora.

O documentário acompanha um grupo de mulheres como Yolanda que gostaria de remodelar o corpo inteiro, mas só pode escolher uma parte. Edna que vive lutando contra a obesidade para poder se submeter a uma cirurgia de redução dos seios. Adriana que precisa ser operada logo, pois tem que voltar para Miami. Catarina que acredita que a cirurgia vai liberá-la de um permanente depressão.

Cena do documentário "Novela da Santa Casa"

Claudemira que jura que não vai olhar mais para o ex-marido, quando estiver magra e linda. Katy e a produtora brasileira Beth Formaggini, da 4 Ventos, colheram essas histórias de vida na fila da Santa Casa, que é um lugar franqueado as todas as classes sociais.

O tema é a esperança e não o resultado. O filme se ocupa de mostrar as diversas etapas que antecedem a operação, quando as candidatas se relacionam com psicólogos, nutricionistas, assistentes socais e, sobretudo umas com as outras. É interessante ver a solidariedade que se estabelece entre elas. As conversas vão das carências às dicas de beleza. Há ainda o culto ao Professor Pitanguy, uma espécie de deus capaz de lhes garantir a beleza eterna.

Zappa, amore mio!

por **Mônica Sinelli**

Tudo começou numa banca de jornal. A saga dos Zappa – gente de Paola, sul da Calábria – em terras verde-amarelas tem início em um reduto por excelência de imigrantes italianos no país. Desse universo de letras e fonte de sustento da família saiu para escrever uma das mais brilhantes páginas da diplomacia nacional o embaixador Italo Zappa. Que tem em sua filha, a jornalista Regina Zappa, a confirmação de uma escola de dedicação às coisas do Brasil. Fala, Regina!

"Meu avô paterno, filho de camponês, veio para cá com 12 anos. A Itália vivia uma época difícil, e as famílias mais simples e numerosas mandavam os filhos para cá, o país da esperança. Ele veio encontrar com os outros irmãos, que já estavam aqui, em Barra do Piraí, onde tinham uma banca de jornal. Lá, ele conheceu minha avó, filha de italianos nascida em Mogi Mirim. Eles se casaram, foram para a Itália, estourou a guerra e não puderam voltar. Meu pai nasceu lá e chegou ao Brasil com dois anos de idade. Aos 17, veio morar no Rio de Janeiro para fazer o Instituto Rio Branco".

Jornalista, escritora e agora também documentarista, Regina conta que, por causa da profissão de seu pai, morou muito tempo fora do Rio. A começar por Genebra, na Suíça — primeiro posto diplomático de Ítalo -, quando estava com

Ítalo Zappa entre seus filhos Regina e Sérgio

Regina com Chico Buarque

dois anos. "Mas ele sempre teve a preocupação de que não perdêssemos as raízes. Dos meus 8 aos 16 anos, fez questão que ficássemos — eu e meus três irmãos — aqui, para nos identificarmos com a cidade, termos uma referência: esse é o meu país, essa é a minha cidade. Durante esse período, meu pai ficou trabalhando aqui, porque o Itamaraty ainda era no Rio. Sei que muito filho de diplomata acaba meio perdido, porque mora num lugar, vai para outro e, por fim, constrói a vida no último local onde residiu com a família, porque não criou essa relação com o país ou com a cidade."

Regina, mãe de três filhos, reconhece a importância da determinação do embaixador cuja atuação foi decisiva na construção da política externa terceiro-mundista. "Esse tempo foi fundamental para mim, por ter visto tudo o que aconteceu aqui. Foi quando comecei a gostar de música brasileira, por exemplo. Tinha a Bossa Nova, os festivais. Eu me aproximei muito das coisas brasileiras por causa do meu pai, que me dava discos do Zimbo Trio, do Baden Powell, o primeiro da Elis. Aos 12 anos, eu ouvia esses discos até furar. Uma vez, um jornalista amigo dele, Arthur Poerner, nos levou a um show do Geraldo Vandré no teatro Opinião, em 1968. Na época, a coisa já estava pegando fogo e anunciaram que não ia ter espetáculo. Então, o público começou a deixar o teatro. Mas o Poerner disse: 'Não, vamos esperar um pouco'. Depois que todas as pessoas haviam saído, apareceu o Vandré, que já estava sendo perseguido e não podiam saber que ele se encontrava no Rio — informaram pelo alto-falante que estava em São

Paulo. Aí, o Vandré fez o show só para a gente. Nunca esqueci disso. Meu pai gostava de transitar pelo mundo da cultura."

anti-Elizabeth Arden

Segundo Regina, seu pai se dava com muitos jornalistas, que tinham o hábito de conversar em sua casa até muito tarde. "Às vezes, eu acordava no meio da noite, ia para o corredor e ficava ouvindo a conversa. Em 1969, fomos para Washington (EUA), onde fiz literatura inglesa e alguns cursos de jornalismo. Lá, diversos amigos jornalistas iam nos visitar, como Villas-Bôas Corrêa, Elio Gaspari e Silvio Ferraz. Eu achava que meu pai tinha mais a ver com o mundo do jornalismo do que com a diplomacia, pelo menos na forma com que esta é posta. Por isso tudo, eu talvez tenha tomado gosto pela profissão de jornalista."

Avesso ao chamado circuito diplomático Elizabeth Arden — que orbita em torno de Paris, Londres, Roma e Washington -, e adversário da política de alinhamento com os Estados Unidos na década de 60, Ítalo Zappa contrariava a imagem cristalizada que se tem de um representante do Itamaraty. "Meu pai não era um diplomata típico, como as pessoas imaginam um diplomata. Mas, na minha opinião, ele era o verdadeiro diplomata, gostava muito do seu trabalho, de realmente exercer a política de relações exteriores. E tinha um imenso amor pelo Brasil. Aos 18 anos, tendo que optar entre duas cidadanias, escolheu a brasileira. A grande paixão dele, parece clichê, mas era servir ao Brasil, fazer política servindo ao país, segundo seus valores e crenças, mas em

Ítalo Zappa com Fidel Castro

prol de uma Nação mais justa, mais igualitária E isso ele praticava ao desenvolver as políticas que desenvolveu."

Italo foi o principal negociador para que o "Ministério das Não Relações Exteriores", como apelidou o Itamaraty, abrisse suas relações com a Ásia, a África e a União Soviética. "Quando meu pai passou a ser embaixador, eu já trabalhava e morava aqui. Ele achava importante, por exemplo, o Brasil ser o país mais próximo da África, por ter uma identificação natural com Moçambique e Angola, países de língua portuguesa. E elaborou então uma política de aproximação com o continente. O primeiro posto dele foi em Moçambique, onde estive duas vezes para visitá-lo. Em seguida, partiu para a China e eu passei quatro meses lá. Estive com ele também em Cuba, onde serviu antes de retornar ao Brasil e se aposentar. Depois, ainda foi chamado para abrir a embaixada brasileira no Vietnã. Ficou só seis meses, não deu tempo de eu ir. Ele já estava doente e voltou para cá em 1995."

A idéia de servir em países em que não poderia fazer política, porque neles já estava tudo pronto e estabelecido, decididamente não seduzia Ítalo Zappa. "Ser embaixador em Paris, por exemplo, é um trabalho muito mais social do que político. E ele gostava de desafios. Foi para a China quando havia todo um panorama comercial a ser desenvolvido. Dentro do Itamaraty, acho que era visto como um rebelde, um diplomata muito diferente do convencional. Ele gostava de trabalhar, e não de ficar dando festinhas."

Mesmo nos Estados Unidos, onde trabalhou tanto na embaixada junto à capital americana quanto na embaixada junto à OEA — as duas

Ítalo e Regina durante temporada na China

representações brasileiras em Washington —, Italo teve uma atuação ousada, trabalhando na aproximação com os latino-americanos. "Acho que isso, mais do que uma visão de esquerda, era uma visão brasileira. O embaixador deve fazer relações para fortalecer os interesses e a soberania de seu país, e não para ceder a acordos desfavoráveis a isso, como acontece muitas vezes. Por mais que tenhamos adotado políticas de submissão em relação a outras nações, ele achava que o Brasil tinha essa vocação de ser um país independente, soberano, que estava condenado a ser grande. Aliás, em 2007, o embaixador Jerônimo Moscardo encaminhou ao prefeito de Barra do Piraí - cidade natal de Ítalo - um pedido do MRE para que ele seja homenageado com busto em praça pública."

submersa na cidade

Ao retornar dos Estados Unidos, Regina Zappa começou a trabalhar no Jornal do Brasil na editoria de Internacional, onde permaneceu por oito anos, inicialmente como tradutora, depois redatora. Passou um ano no jornal Última Hora, foi para a TV Manchete e, depois, para a revista Fatos. Quando a revista acabou, em 1985, voltou para o JB, primeiro na Internacional e em seguida na Política. Ganhou uma bolsa de estudo na Universidade de Harvard e viveu um ano praticamente sabático nos EUA. Ao retornar, editou o Caderno B até o ano 2000. Ao todo, foram 23 anos no Jornal do Brasil. Entre 2001 e 2005, atuou como apresentadora e entrevistadora do Café Literário da Bienal do Rio de Janeiro.

A literatura de Regina, com três livros publicados, é um capítulo de amor à terra do Cristo Redentor. "Meus livros têm muito a ver com o Rio. Escrevi a biografia de dois personagens que são a cara da cidade, Chico Buarque e Hugo Carvana. Sobre o Chico, fiz ainda "Cidade submersa" — com ensaio fotográfico de Bruno Veiga —, um

"Meus livros têm muito a ver com o Rio. Escrevi a biografia de dois personagens que são a cara da cidade, Chico Buarque e Hugo Carvana. Sobre o Chico, fiz ainda 'Cidade submersa' – com ensaio fotográfico de Bruno Veiga –, um itinerário poético centrado em músicas dele que falam do Rio. Procurei saber de onde vem esse seu amor pela cidade"

itinerário poético centrado em músicas dele que falam do Rio. Procurei saber de onde vem esse seu amor pela cidade. Chico contou que saiu daqui com 2 anos de idade para morar em São Paulo. Mas passava todas as férias aqui, na casa da avó, que morava em Copacabana, na Avenida Atlântica, portanto, bem perto do mar. Ele disse que dormia no quarto da avó e ouvia o barulho do mar, lembrança que o marca até hoje. "

O compositor relatou também a vez que pulou de asa delta da Pedra Bonita, na Gávea. "Ele estava caminhando com uma das filhas, Luisa, e ela falou: 'Vamos saltar de asa delta'. E Chico tem vertigem, não gosta de altura. Mas foi até lá e achou que não podia fazer feio na frente da menina. Decidiu saltar, quando, de uma hora para outra, a fila parou de andar. Aquilo demorando e ele já ficando nervoso. Foi perguntar o que estava acontecendo e descobriu que tinha um gringo lá na frente morrendo de medo, que não pulava de jeito nenhum. Tudo parado. De repente, ele vê o gringo saindo da fila, arrastando a asa, naquela humilhação. E pensou: 'agora não tem mais jeito'. Aí, a fila andou e ele pulou. Mas disse que não sentiu vertigem, que saltar de asa delta foi como entrar no palco. A mesma sensação de entrega ao `seja lá o que for`."

A elaboração do perfil de Hugo Carvana representou outro momento de encontro profundo com a cidade. "O Carvana tem o espírito carioca mesmo e foi uma delícia produzir esse livro. Ele nasceu no Lins de Vasconcelos e depois morou na Tijuca. O ator Joel Barcelos foi quem o levou pela primeira vez para fazer um teste de figurante na televisão. Joel falou: 'você vai lá, fica batendo palmas e ganha um dinheirinho'. E Carvana, que era contínuo numa empresa, vibrou: 'É comigo mesmo, vou num lugar bater palmas e ganhar dinheiro!' Mas disse que quando entrou no estúdio e viu aquela loucura, porque era tudo ao vivo, pensou: 'é esse mundo que eu quero viver'. Aí, entrou para a televisão, depois para o cinema, onde fez muita chanchada como ator. Em seguida, foi para o teatro, fez o Opinião e o Arena, atuou no Cinema Novo e passou a dirigir seus filmes. Enfim, vivenciou todas as manifestações culturais nesse período. Tudo muito carioca". Regina lançou também um romance, chamado "Doce lar", que, "na minha cabeça, se desenrola no Leblon, embora eu não dê nome a nada. Toda a descrição de coisas que acontecem se relaciona ao bairro, por onde passeia uma mulher muito solitária que está acertando contas com a vida dela. É um livro de suspense, um romance psicológico".

No momento, Regina escreve, junto com o jornalista Ernesto Souto, um livro sobre tudo de relevante que aconteceu no mundo nas mais diversas áreas em 1968. "Estou também entrando na área de roteiro de documentário para cinema. Fiz, junto com Beatriz Thielmann, roteiro, direção e edição de "Vento forte", primeiro DVD de Edu Lobo, outro personagem que acompanhei desde garota. Adorava suas músicas e achava que devia fazer alguma coisa, porque não existia um show inteiro com ele filmado. Elaborei o projeto e pelejamos durante mais de um ano por patrocínio, que não saía. Aí, ele fez um show no bar Mistura Fina e gravamos no risco. Chamamos um amigo dono de uma produtora e ficamos devendo a ele, até que conseguimos a verba da Petrobras.

Ela assina, ainda, o roteiro para um documentário sobre Antonio Callado — que completaria 90 anos este ano —, dirigido pelo José Joffly e que será lançado agora em dezembro. "Para nós, jornalistas, o documentário é um campo muito interessante. Mesmo trabalhando com uma linguagem distinta, fazer documentário é correr atrás da informação, no que a experiência no jornalismo ajuda muito," resume Regina, integralmente submersa na cultura da cidade.

NEGÓCIOS & FINANÇAS

RelatórioReservado

A NEWSLETTER MAIS INFLUENTE DO BRASIL

TÃO VALIOSO QUE DEVERIA SER IMPRESSO EM PAPEL-MOEDA

ASSINE

www.relatorioreservado.com.br

atendimento@relatorioreservado.com.br

Tel: (21) 2509-5399 - ramal 238

Fax: (21) 2526-7041

EDITADO POR INSIGHT

Em nome de Deus e da cidade maravilhosa

por Ilan Bar

É no alto de uma colina, no Centro do Rio, que um casarão de paredes largas, meio escondido em seu monte, guarda um dos mais belos tesouros da arte colonial da cidade e do país, o Mosteiro de São Bento. De lá todos os domingos soam angelicais cantos gregorianos, que espalham paz e religiosidade por toda a cidade do Rio de Janeiro. Sim, por toda a cidade do Rio, pois São Bento também é carioca. Pelo menos, na nossa modesta visão.

Fundado em 1590, por monges vindos da Bahia, o mosteiro beneditino do Rio de Janeiro foi construído a pedido dos próprios habitantes da recém-fundada Cidade de São Sebastião. A grande metrópole, que com seus edifícios envolvem a colina dos monges, acabou por formar muros de clausura que impedem o burburinho do dia-a-dia.

Quem se aventura a percorrer a ladeira da Rua Dom Gerardo, na altura da Praça Mauá, faz um viagem no tempo, a Idade Média, certamente. A arquitetura e o canto gregoriano entoado por seus monges, diariamente às 17h40min, ou a missa conventual solene que acontece todos os domingos, às 10h, são garantia de uma experiência inesquecível.

A história do mosteiro teve início com a doação aos monges de um vasto terreno que inclui o atual Morro de São Bento. O projeto inicial da igreja do mosteiro é atribuído ao arquiteto português Francisco de Frias Mesquita, tendo sido elaborado entre 1617 e 1618, seguindo a estética maneirista, vigente em Portugal naquele período. As obras só terminaram em 1671 e o projeto original foi alterado, com a igreja passando de uma a três naves. A fachada com seus três arcos é a do projeto original. Já o mosteiro só foi concluído em 1755.

O interior da igreja é riquíssimo, totalmente forrado com talha dourada, que vai do estilo barroco ao rococó. A nave central é rodeada por oito capelas laterais dedicadas ao Santíssimo Sacramento, Nossa Senhora da Conceição, do Pilar, Santo Amaro, Santa Gertrudes, São Lourenço, São Brás e São Caetano. Ao fundo, domina a capela-

mor, com o coro e o grande altar da titular da igreja, Nossa Senhora de Montserrat. Todo esse conjunto é ornado por magníficos trabalhos de escultores como Inácio Ferreira Pinto, Mestre Valentim e na sacristia está a obra-prima do pintor Frei Ricardo, a tela Senhor dos Martírios, de 1690.

Mas se hoje o local é um oásis de paz e tranqüilidade, nem sempre foi assim. O mosteiro já foi palco de conflitos e objeto de cobiça como uma possível moradia em local privilegiado. Em 1711, quando da invasão dos franceses, foi bombardeado e parte da construção se incendiou. Na chegada da corte ao Brasil, Dom João VI queria fazer dali sua residência oficial. Em conversa com o abade teve seu pedido negado. Outro episódio se deu sob a batuta de Dom Pedro I, quando o local foi transformado em quartel por sua posição estratégica. Um regimento de Minas Gerais

se instalou por ali e na partida levaram móveis e objetos de arte.

Vida no mosteiro

O diretor de Patrimônio, Dom Paulo Soares de Azevedo, é quem nos conduz por essa viagem. Conta que hoje o mosteiro tem 48 monges de várias faixas etárias. "Quando ingressamos em um mosteiro fazemos votos de estabilidade, é um voto de permanecer ligado aquela comunidade por toda a vida". Formado em arquitetura, Dom Paulo entrou para o mosteiro há vinte anos.

Recentemente um novo monge foi ordenado, Dom Mateus Rocha. Para chegar a essa posição foram seis anos. Hoje, aos 27 anos, ele conta que primeiro passou pelos três anos de estudos até chegar ao noviciado, quando abandonou as roupas mundanas e recebeu o hábito (túnica, escapulário e faixa). É nessa fase também que os monges escolhem um novo nome, de um santo de sua predileção. No caso, Leandro Rocha adotou Mateus.

Mas a rotina do mosteiro tem início muito cedo. Às 4h30min todos se levantam, às cinco fazem a primeira oração e só depois vem o café da manhã. Às 7h15min, tem lugar a primeira missa e depois todos seguem para suas atividades. Dom Mateus, por exemplo, cuida dos jardins, auxilia na enfermaria e na hospedaria. Outros monges podem se ocupar com outros trabalhos no próprio local que tem a Faculdade São Bento

Atualmente, o Mosteiro de São Bento encontra-se na lista para ser transformado em Patrimônio Mundial da Unesco. Sem dúvida, uma justa homenagem

de Filosofia e Teologia, o Colégio São Bento, uma editora, uma biblioteca com mais de cem mil volumes, oficina de restauração de livros, obra social que atende 500 famílias e casa de retiro com 30 apartamentos.

Chega a hora do almoço, todos seguem para o refeitório. O lugar é simples, com paredes brancas. Austero. Silêncio. No púlpito, um dos monges lê durante toda a refeição. Eles se revezam dessa maneira todas as semanas. Após o repasto eles se reúnem no claustro para alegres momentos de convívio. O local conta com um chafariz rodeado por palmeiras e quatro jambeiros que regularmente cobrem o chão de flores rosadas. O claustro normalmente é fechado à visitação,

Após o repasto eles se reúnem no claustro para alegres momentos de convívio. O local conta com um chafariz rodeado por palmeiras e quatro jambeiros que regularmente cobrem o chão de flores rosadas

devido a seu caráter de recolhimento. Mas em algumas datas especiais como Domingo de Ramos e Corpus Christi, é aberto aos fiéis.

A tarde é dedicada a outras atividades, principalmente a liturgia. Às 17h40min realizam o ofício das Vésperas. Segue-se o jantar e às 19h mais uma oração e todas as atividades se encerram. É hora de cada um se recolher à sua cela, um lugar verdadeiramente monástico, com apenas cama, mesinha de cabeceira, uma cadeira, um crucifixo e alguns cabides na parede.

Atualmente o Mosteiro de São Bento encontra-se na lista para ser transformado em Patrimônio Mundial da Unesco. Sem dúvida, uma justa homenagem. O colégio, que em 2008 completará 150 anos, formou parte considerável de personalidades brasileiras: Pixinguinha, Villa-Lobos, Noel Rosa, Benjamin Constant e muitos outros.

Sou tricolor de coração

por Julia Santhiago

Como diria Nelson Rodrigues, Deus criou o homem, a mulher e o Fluminense. Não necessariamente nesta ordem. Quem é carioca, mesmo que contra a vontade, é um pouquinho tricolor. E não há nada que traduza tão bem o Rio de Janeiro quanto uma partida de Fla x Flu num domingo ensolarado. Os rubro-negros que nos perdoem, mas antes do mundo ser criado, quando não havia imperfeições, o clássico se chamava Flu x Fla. E advinhe quem venceu!

Campeões tricolores cariocas de futebol de 1911, sm nenhum ponto perdido

O mais antigo clube de futebol do Rio de Janeiro leva o mesmo nome daqueles que aqui nascem. Fluminense é originário da palavra latina "flumen" que significa "do Rio". Então, por definição, todo carioca já nasce tricolor. O verde, o grená e o branco são as cores tradicionais do clube, onde a tradição é levada a sério por todas as gerações de tricolores que procuram manter vivas as suas histórias. O clube carioca que possui o maior número de títulos estaduais do século XX, acabou por conquistar o título de "Campeão Carioca do século". O Fluminense sempre brilhou dentro e fora das Laranjeiras, sua sede oficial, localizada na Rua Álvaro Chaves, número 41 é sinônimo de sofisticação e ainda hoje é cenário de inúmeros acontecimentos sociais.

A fundação do clube remonta a segunda metade do século XIX, quando era comum as famílias

Oscar Cox

O clube das famílias mais tradicionais do Rio teve sua fundação em reunião presidida por Manoel Rios e secretariada por Oscar Cox e Américo Couto. Por proposta de João Carlos de Mello e Virgílio Leite, Oscar Cox foi aclamado o primeiro presidente do clube.

abastadas da época mandar seus filhos varões estudarem na Europa. Esses rapazes tomavam contato com um novo esporte que estava sendo praticado, principalmente na Inglaterra e na Suíça, e quando voltavam ao Brasil encontravam todo o tipo de dificuldades para continuarem a prática do esporte. Era difícil encontrar 22 jogadores que soubessem jogar futebol, além de não encontrarem por aqui o devido material. Alguns desses rapazes, em 1901, formaram o primeiro grupo de 11 cariocas praticantes do futebol. A princípio jogavam contra os times de ingleses e programavam viagens para jogar contra os paulistas. "Na volta da segunda viagem feita por esses jovens, resolveram criar o primeiro clube de futebol no Rio de Janeiro, o Fluminense Football Club", conta Milton Mandelblatt, atual presidente do conselho deliberativo do Fluminense.

O clube foi criado em 21 de julho de 1902 e tinha sua sede no número 51 da Rua Marquês de Abrantes, no Flamengo. O clube das famílias mais tradicionais do Rio teve sua fundação em reunião presidida por Manoel Rios e secretariada por Oscar Cox e Américo Couto. Por proposta de João Carlos de Mello e Virgílio Leite, Oscar Cox foi aclamado o primeiro presidente do clube. Os primeiros uniformes do clube eram em branco cinza, só um ano depois se tornaram tricolores.

Posteriormente passaram a ocupar a sede social de Laranjeiras, que sempre fascinou os cariocas por sua arquitetura e pela vida cultural efervescente com seus bailes e festas que marcaram gerações.

A partir de 1915 as reuniões sociais na sede do clube começaram a se realizar em torno da patinação, que acontecia todas às quartas-feiras, das 21h às 23h. Uma banda do Corpo de Marinheiros Nacionais embalava as piruetas e em seguida todos se dirigiam ao pequeno jardim onde era servido chá com biscoitos. Já em 1920 os primeiros chás dançantes no bar da piscina e as sessões semanais de cinema aqueceram ainda mais a vida social no clube. O então presidente, Arnaldo Guinle, era conhecedor de grandes centros de cultura da Europa, e conduziu o clube a uma situação de prestígio social. Jantares dançantes,

shows de artistas de rádio, teatro dramático e de comédia, danças clássicas, concertos sinfônicos, recitais, variedades, noites de convivência social, com bingo dançante, sessões de cinema, além de competições de atletismo, natação, tênis, tênis de mesa, futebol, tiro, basquetebol, voleibol, water-polo, saltos ornamentais, esgrima e xadrez, fizeram intensa, a vida social no Fluminense.

O salão com seus lindos vitrais já foi palco dos rodopios da sociedade ao som dos fox-trots e outros ritmos tocados pelos Oito Batutas, do qual faziam parte, ninguém menos que Pixinguinha e Donga. Depois de uma temporada em Paris, em 1922, o grupo se apresentaria em Laranjeiras e a Gazeta de Notícias anunciaria assim o acontecimento: "Os Oito Batutas se apresentarão no dia seis de setembro no Fluminense F.C, e se exibirão com o gênero jazz-band, para o que aguardam a chegada dos instrumentos de pancadaria já encomendados", (referência à bateria adquirida por Arnaldo Guinle para J. Tomás). O virtuoso saxofonista brasileiro não foi o único grande nome a animar as noites tricolores. A grande dama do jazz norte-americano, Sarah Vaughan, também esteve por lá, recorda o cardiologista Roberto Horcades, recém-eleito para novo mando de mais três anos.

De acordo com Milton Mandelblatt, o fluminense sempre foi considerado um centro cultural. "O Fluminense é um time de tradição e a maior delas talvez seja o valor que damos a cultura. Um bom exemplo é a recente criação do Fórum Permanente de Cultura Tricolor por Ricardo Cravo Albin, Vice-Presidente Cultural e Cívico do Fluminense". O Fórum, consta de 110 personalidades tricolores vindas como Chico Buarque, Ivan Lins ou Bibi Ferreira, ocupando cadeiras encimadas por 110 outros torcedores de todos os tempos como Santos Dummond, ou Nair de Teffé. O Fórum se dedicará a manutenção das tradições tricolores, será um Centro de Memória e recuperação do acervo artístico, além de organizar ações culturais de música, teatro, cinema e tudo o mais ligado às artes no seu geral.

O pianista e tricolor Arthur Moreira Lima conta no documentário "Saudações Tricolores" que a

O presidente Arnaldo Guinle era conhecedor de grandes centros de cultura da Europa e conduziu o clube a uma situação de prestígio social. Jantares dançantes, shows de artistas de rádio, teatro, além de competições de atletismo, natação, tênis, tênis de mesa... fizeram intensa a vida social no Fluminense

Arnaldo Guinle

O salão com seus lindos vitrais já foi palco dos rodopios da sociedade ao som dos fox-trots e outros ritmos tocados pelos Oito Batutas, do qual faziam parte, ninguém menos que Pixinguinha, que tocava aos sábados em jantares sempre à rigor

palavra torcedor, surgiu da torcida Fluminense, do tempo em que as moças iam ao estádio das Laranjeiras assistir aos jogos. "Elas tinham um lenço, e conforme iam ficando nervosas "torciam" esses lenços. Então, naturalmente, o primeiro torcedor foi fluminense, assim como o primeiro homem foi Adão". Até hoje a torcida tricolor conta com nomes ilustres. Alberto Santos Dummont jogava tênis nas Laranjeiras e chegou a ser árbitro em partidas amistosas. Chico Buarque também é tricolor de coração e já homenageou o Fluminense em suas canções. Nelson Rodrigues, o "profeta tricolor" declarou em prosa e verso seu amor eterno pelo clube, e como filho de peixe, peixinho é, Nelson Rodrigues Filho seguiu os passos do pai e também é tricolor. Ele conta que um dos momentos mais emocionantes de sua vida foi durante um jogo em 1980, quando seu pai estava proibido de assistir aos jogos do Fluminense devido ao seu estado de saúde. Nelson Rodrigues Filho então, contou ao pai que o Fluminense havia ganhado o campeonato com o gol de falta de Edinho. "Foi comovente a força que ele teve para escrever, ele foi à máquina mesmo estando proibido. Quando eu fui ver as letras estavam todas trocadas e eu sugeri que ele ditasse o texto que eu escreveria. Assim acabamos montando uma crônica, mas a passagem mais bonita é essa vontade que ele tinha

de escrever, esse negócio de fluminense campeão então, tem que escrever. Foi a última vez que ele escreveu, ele morreu 20 dias depois disso", contou emocionado Nelson Rodrigues Filho no documentário "Saudações Tricolores", de André Barcinski e Heitor D'Alincourt.

Ao longo de 105 anos de história, muitos foram os ídolos tricolores. Entre eles Marcos Carneiro de Mendonça, o "Marcos do Fluminense", apelido dado por Nelson Rodrigues. Marcos se tornou goleiro do Fluminense em 1914, tinha grande sentido de colocação, tranqüilidade, sangue-frio e reflexos apurados. De acordo com sua filha Bárbara Heliodora o pai era adorado pela torcida e na triste final da Copa de 1950, quando o Brasil perdeu para o Uruguai, um senhor na saída do Maracanã virou-se para Marcos, então ex-goleiro da seleção e disse: "Seu Marcos, se fosse o senhor no gol a gente ganhava."

A lista de grandes nomes que brilharam com a camisa tricolor é imensa: João Coelho Neto, o Preguinho, o inglês Welfare, Tim, Romeu, Terlê Santana, Castilho, Pinheiro, Didi, Waldo, Gerson, Carlos Alberto Torres, Rivelino, Assis, Branco, Romerito e muitos outros. Preguinho, aliás, foi quem fez o primeiro gol do Brasil em uma Copa do Mundo, em 1930. Telê Santana foi um dos maiores ídolos da torcida tricolor na década de 1950 e ficou para sempre como símbolo do time.

O Estádio das Laranjeiras foi também a primeira casa da Seleção Brasileira que conquistou ali seus primeiros títulos relevantes. Foi lá que disputou 18 partidas, obtendo 15 vitórias e 3 empates.

A pátria do futebol agradece essa maravilhosa hospedagem e se une aos pó-de-arroz para declarar que também tem amor ao tricolor.

Marcos Carneiro de Mendonça

Ao longo de 105 anos de história, muitos foram os ídolos tricolores. Entre eles Marcos Carneiro de Mendonça, o "Marcos do Fluminense", apelido dado por Nelson Rodrigues

C'est chic, le Bangu!

por Kelly Nascimento

De uma fábrica, fez-se um bairro. Uma história que começa com Guilherme da Silveira Filho. Pois foi ele quem teceu um bairro inteiro a seu redor, na Zona Norte da cidade. Enquanto seu primo-irmão, Mario Reis, mudava o Rio pela música. Aplausos para o centenário da dupla que mudou a cara e os hábitos do Rio. E que foi celebrada pelo Instituto Culturalb, Cravo Albin com vários eventos, elaborados por diligente-comitê que se reuniu durante sete meses seguidos, com personalidades como Gisela Amaral, Millôr Fernandes e até um representante da Câmara, o vereador Rogério Bittar.

Guilherme da Silveira Filho

A Fábrica de Tecidos Bangu foi criada por ingleses em seis de fevereiro de 1889. O Rio ganhava muito mais que uma fábrica: surgiria, em seu entorno, um bairro chamado Bangu. Tempos depois, o controle da fábrica passou para os portugueses, sendo assumida por Guilherme da Silveira, o pai. "Meu avô era um médico muito ligado à colônia portuguesa. Eles estavam com dificuldades, confiavam no meu avô e pediram que ele assumisse a fábrica. Ele teve muito sucesso nesta gestão. Tanto que depois virou ministro da Fazenda e presidente do Banco do Brasil por duas vezes", conta orgulhosa Alicinha da Silveira.

Quando Silveira foi para o governo, passou a administração para o filho, também chamado Guilherme - o Silveirinha -, engenheiro formado pela Escola Politécnica do Largo de São Francisco

BA

Mário Reis, o cantor que revolucinou a MPB, está sendo homenageado pelo seu centenário, celebrado em 31 de dezembro de 2007

que tinha ido tentar a vida em São Paulo. Com o convite, Silverinha se muda para Bangu em sete de agosto de 1937, data em que completou 30 anos. "Meu pai foi uma pessoa precursora para a época dele. Tanto que chegou a seu o único industrial punido pelo sindicato patronal porque aumentara os salários de seus trabalhadores mais do que era comum na época. Hoje em dia, a gente nem consegue imaginar uma coisa dessas. Agora os empresários são punidos por utilizarem trabalho escravo. Até hoje nunca escutei um caso parecido", diz Alicinha. De fato, os tempos mudaram. Hoje a Companhia Vale do Rio Doce é louvada por reajustar o salário de seus funcionários muito acima da inflação.

Silveirinha dirigiu a Tecidos Bangu durante 50 anos ininterruptos, tendo passado por todas as áreas da fábrica. Nesse período, a família Silveira desenvolveu um belo trabalho social no bairro. Foi a primeira fábrica do Brasil a ter creche e ambulatório. Investiu, ainda, num programa de casa própria para os funcionários. "Como a fábrica tinha uma grande quantidade de terras, meu pai financiava os terrenos para os operários descontando as parcelas em folha de pagamento. Para viabilizar a construção de casas, ele criou uma cooperativa de material de construção. Criou, ainda, dentro da fábrica, olaria, pedreira e serralheria. Todos podiam comprar material de construção a preços superacessíveis". Daí Bangu ser, na época, um bairro com casas muito boas, que persistem até hoje na área central.

A relação de Silveirinha com os operários era muito próxima. O clima da fábrica era de amizade, bem diferente das indústrias de hoje, Silveirinha sempre ia trabalhar de uniforme, como os demais operários. Morava na Praça da Fé e ia trabalhar de bicicleta e, na volta, passava nas casas dos operários para conversar. Dava conselhos e batizava os filhos de muitos deles.

As benfeitorias de Silveirinha não se limitaram ao universo fabril. O empresário também teve grande projeção no futebol. Foi ele quem criou o estádio hoje mais conhecido como Moça Bonita, mas originalmente batizado de "Estádio Proletário Guilherme da Silveira", em 1947. O estádio foi um marco da nova fase do clube que, em 1949, estava completamente renovado. Silveirinha investiu no time e levou para Bangu alguns dos melhores jogadores da época, formando um verdadeiro escrete

A relação de Silveirinha com os operários era muito próxima. O clima da fábrica era de amizade, bem diferente das indústrias de hoje, Silveirinha sempre ia trabalhar de uniforme, como os demais operários

de ouro.. Mostrava, mais uma vez, estar à frente de seu tempo ao saber aproveitar o futebol para divulgar a marca de sua fábrica. Lançou, assim, uma nova modalidade de propaganda.

Patrocinou também a escola de samba, o grêmio literário. Isso muito antes de se sonhar com Lei Rouanet de incentivo à cultura. "Ele pensou em várias atividades para desenvolver o bairro de uma maneira homogênea", diz Alicinha. O Grêmio Literário criado por Guilherme preserva até hoje a memória de Bangu.

Já o irmão, Joaquim Guilherme da Silveira, ficava à frente dos desfiles e da parte comercial. Os Silveira também legariam à música brasileira um grande intérprete, Mário da Silveira Reis. "Ele era primo-irmão de meu pai e foi criado por meus avós, pois perdeu os pais muito cedo. Mário se encantou pela música na juventude. Foi a primeira pessoa que uniu sociedade e morro no Rio, trouxe o samba para as altas rodas da sociedade. Isso foi na época de Sinhô. Ele cantou com Carmem Miranda, fez filmes. Foi muito lembrado na época da Bossa Nova, porque as pessoas diziam que João Gilberto tem uma maneira de cantar parecida com Mário", conta Alicinha.

A voz de Mario era sem grande extensão, mas nada que o impedisse de fazer duetos com o vozeirão de Francisco Alves. O cantor, compositor e violonista — instrumento que teve como mestre Sinhô — foi na contramão do *bel canto* de Vicente Celestino, Gastão Formeti e outros e inaugurou um novo estilo de cantar, adiantando ou atrasando a melodia nos compassos. Seu primeiro disco, gravado em 1929, tinha composições de um desconhecido, o colega da Faculdade de Direito Ary Barroso. Das 163 músicas que gravou, quase que exclusivamente sambas e marchinhas, a lista de sucessos é enorme e são lembradas até hoje: "Agora é cinza", "Joujoux e Balangandãs", "Dorinha , meu amor", "Filosofia", "Fita amarela", "Jura", "Se você jurar".

No cinema, fez parte do elenco de "Alô, alô, Brasil", cantando "Rasguei a minha fantasia"; Em "Estudantes", interpertou " Linda Mimi e Linda Ninon" e em "Alô, alô, Carnaval", cantou " Cadê Mimi e Teatro da vida".

No universo da indústria têxtil, as inovações de Silveirinha pareciam não ter fim. O empresário enxergava longe e, no mercado nacional de tecidos, propôs-se um desafio: dar um *upgrade* no até então insosso e desvalorizado algodão. "Meu pai resolveu lançar o algodão como tecido chique. O algodão era tido como tecido barato. A

alta sociedade consumia tecidos da Europa para as roupas de noite". diz Alicinha.

Pois bem. Para vencer o desafio, a Fábrica de Tecidos Bangu trouxe o *crème de la crème de la haute couture*. Vieram ao Rio – ou melhor, a Bangu – os estilistas franceses Jacques Fath e Hubert de Givenchy para criar roupas com os tecidos da Bangu. A apresentação foi em altíssimo nível: uma grande festa no castelo de Coberville, nos arredores de Paris. Um avião foi fretado e capitaneando a comitiva estava Darcy Vargas – esposa do presidente Getulio -, que levou do Rio várias moças da sociedade: Carmem Mayrink Veiga, Teresa de Souza Campos, Lourdes Catão, Ivone Lopes, entre outras. Todas elegantemente vestidas pela Tecidos Bangu. Entre os convidados estrangeiros, compareceram Clark Gable, Orson Welles, Ginger Rogers e Jean-Louis Barrault. Todos dançaram ao som da Orquestra Tabajara de Severino Araújo, com solo de Elizeth Cardoso. Clima brasileiríssimo.

A estratégia de Guilherme deu certo. E foi o pontapé inicial para o que seria uma coqueluche entre as meninas da época: o concurso Miss Elegante Bangu, no Copacabana Palace. "A Fábrica começou a promover um desfile com moças do Rio e costureiros famosos, como José Ronaldo e Mary Angélica. Eles eram dirigidos por minha tia, Candinha da Silveira. O concurso tinha uma grande projeção", recorda Alicinha. O sucesso foi tamanho que, nos últimos anos, atraía moças de norte a sul do território nacional. Todas queriam ser a Miss Bangu e ganhar o prêmio, uma viagem à Europa.

O concurso aconteceu de 1952 a 1959, sempre com concorridíssimas festas no Copacabana Palace, decorado por Júlio Sena. A noite era puro glamour: homens em *summer jackets*, mulheres com chapéus e luvas. "Era um evento muito chique. O júri era formado pelos mais importantes colunistas da época, entre eles, Ibrahim Sued. Todos aguardavam ansiosos por essa. Foi um dos marcos dos anos 1950, que segundo os que viveram era a mais divertida do Rio", conta Alicinha. Além do *happening*, que entrou para o calendário de badalos da cidade, o objetivo maior de Silveirinha fora alcançado: os tecidos Bangu passaram a ser admirados e ganharam outro *status*.

A Miss Elegante Bangu, Sônia Carneiro

a volta do miss elegante bangu

Todo esse glamour foi recriado esse ano, numa noite *black-tie* no Copa, em comemoração ao centenário de Guilherme da Silveira Filho. "Como meu pai teve muito orgulho em comemorar o centenário de meu avô, achei que ele ficaria feliz de ter seu centenário festejado. Descobri também que seria o centenário de Mário. Conversei com Ricardo Cravo Albin e ele criou um Comitê

no ICCA. Foi o ponto de partida. Depois, Gisela Amaral aderiu. E se não fosse por ela e Ricardo toda essa festa não seria possível."

Quem chegou à edição 2007 do Miss Elegante Bangu, no Copacabana Palace, foi recepcionado com um *drink* e uma projeção de slides com imagens das antigas misses, croquis e fotos e da Fábrica de Tecidos Bangu. Foi uma noite de esplendor, como há muito tempo não se via. Resgatou o glamour dos anos 50. O décor do Golden Room foi todo feito com tecidos Bangu, em suas padronagens tropicais e cores quentes, e se transformou numa bela passarela para o desfile. A noite foi consagrada com a criação de dez estilistas, vestindo mulheres de sociedade. Carlos Tufvesson e Yara Figueiredo, Glorinha Pires Rebelo e Fiorella Gelli Mattheis, Isabela Capeto e Stephanie Oliveira, Liz Machado e Maria Helena Pessoa de Queiroz, Luciano Canale e Paola de Orleans e Bragança, Marcela Virzi e Maria Beatriz Mendes de Almeida, Marco Rica e Luciana Pitigliani, Marta Macedo e Ana Helena Palhares

"A Fábrica começou a promover o concurso Miss Elegante Bangu, um desfile com moças do Rio e costureiros famosos, como José Ronaldo e Mary Angélica. O concurso aconteceu de 1952 a 1959, sempre com concorridíssimas festas no Copacabana Palace, decorado por Júlio Sena"

Desfile Miss Bangu 2007

Hampshine, Tony Palha e Ana Paula Barbosa.

A mestre de cerimônia foi Hildegard Angel, que apresentou o desfile, e Gisella Amaral conduziu a noite como a grande *hostess* da festa, no mesmo dia em que se empossou como integrante do Conselho Empresarial de Cultura da Associação Comercial do Rio de Janeiro. Os convidados ainda foram agraciados com enormes guardanapos feitos com puro algodão da Bangu.

Nos intervalos, Antônio Negreiros, em show preparado pelo ICCA, contava histórias e cantava os grandes sucessos de Mario Reis, no hotel que ele passou a residir a partir de 1957, até sua morte. A surpresa da noite foi a música de abertura, "Bolsa dos Amores", de autoria de Chico Buarque, proibida em 1961 pela censura e excluída do último LP de Mario. Essa foi justamente a canção que abriu o último espetáculo de Mário, no mesmo lugar, há exatos 25 anos. Na ocasião, o cantor desafiou "proibiram que eu cantasse no disco, aqui quero ver quem me proíbe". Outra surpresa do show foi a apresentação da música "Isso eu não faço não", de autoria de Tom Jobim e Mario Reis — este sob pseudônimo de J. Carioca. O espetáculo teve participação especial de Márcio Gomes, interpretando Francisco Alves, e a nova sensação da MPB - Eduarda Fadini, fazendo o papel de Carmem Miranda.

A concorrida noite contou com a presença, entre outros, dos acadêmicos Marcos Vilaça e Ivo Pitanguy, a primeira-dama do estado, Adriana Ancelmo, os cartunistas Chico Caruso e Ziraldo — padrinhos da cantora Eduarda Fadini. Além das viúvas Silveira — Candinha e Alice — e o melhor da tradicional sociedade carioca.

Um dos ápices da noite foi o momento em que a última miss eleita, Maria Sonia Soares de Araújo, passou a faixa à Miss Elegante Bangu 2007, a princesa Paola de Orleans e Bragança, com modelo criado por Luciano Canale. A renda arrecadada com o evento será doada à Cruz Vermelha. O patrocínio do evento foi do Copacabana Palace, do Shopping Bangu e da Fabrica de Tecidos Bangu. O Miss Elegante Bangu 2007 foi organizado pelo Instituto Cultural Cravo Albin e pelo movimento Só Rio.

A Fábrica de Tecidos Bangu existe até hoje. Foi vendida pela família Silveira no começo dos anos 1990 e hoje pertence a Ricardo Haddad e funciona em Petrópolis (RJ). O local que abrigou a fábrica originalmente foi tombado no governo Brizola e é onde hoje funciona o Shopping Bangu. Sinal de que Bangu continua abalando.

A Fábrica de Tecidos Bangu existe até hoje. Foi vendida pela família Silveira no começo dos anos 1990 e hoje pertence a Ricardo Haddad e funciona em Petrópolis (RJ)

A AACD oferece 5 especialidades em reabilitação. Quer dizer, 6 se contar o calor humano.

McCANN

A AACD Rio de Janeiro é uma instituição filantrópica que trabalha na reabilitação de crianças, adolescentes e adultos com deficiência física, ajudando-os a desenvolver suas potencialidades e a ter uma vida com maior qualidade e independência. Atualmente, são mais de 2.500 atendimentos por mês em 5 especialidades médicas e 7 terapias de reabilitação. Entre em contato conosco e saiba como apoiar este trabalho que está dando tantos resultados. Com a sua ajuda, ele pode dar ainda mais.

Patologias atendidas:

- Paralisia Cerebral – até 16 anos
- Lesão Medular
- Mielomeningocele
- Lesão Encefálica Adquirida
- Amputações
- Doenças Neuromusculares
- Malformações Congênitas
- Seqüelas de Poliomielite

AACD Rio de Janeiro
Rua Maranhão, 125 - Bairro da Viga
Nova Iguaçu - RJ - CEP 26013-610
Tel: (21) 3759-8400
www.aacd.org.br

AACD
ASSOCIAÇÃO DE ASSISTÊNCIA À CRIANÇA DEFICIENTE
RIO DE JANEIRO

O mecenas da Rosário

POR KELLY NASCIMENTO

Pensar a cidade através do paladar. O passatempo – ou seria desafio? – levou o economista Carlos Lessa a protagonizar a revitalização dos sentidos de um cantinho pra lá de especial do Rio antigo. Esqueçam discussões sobre Produto Interno Bruto e política desenvolvimentista. Confabulações sobre uma candidatura a prefeito do Rio também. Carioquice quis ouvir as confissões de um *gourmand* inveterado. Entre uma receitinha aqui e outra acolá, Lessa revelou como se transformou no mecenas da Rua do Rosário.

De fato, Lessa nunca escondeu a ligação especial que cultiva com o Centro da cidade de forma carinhosa. Talvez por ver ali um dos bastiões de nossa carioquice. "Se há cidade no mundo para qual o centro é decisivo e fundamental, essa cidade é o Rio. Os cariocas se reconhecem como tais em lugares: nas praias e no Centro do Rio. Se a gente deixar enfraquecer o Centro, a cidade se rompe", observa.

E o Rio, aponta, é uma metrópole quase que única no mundo. É que as cidades grandes normalmente são como tabuleiro de xadrez, com ruas de diversos bairros interligados. Já o Rio é linear e o que está no meio da linha do Rio é o Centro. "Não é um centro cercado por todos os lados; é uma espécie de cotovelo. Se você pegar a fileira de bairros que formam a Zona Sul, depois você pega uma fileira de bairros da Central do Brasil e outra fileira de bairros da Leopoldina; lá em cima tem um braço que vai para a Zona Oeste. Os bairros do Rio são assim", explica.

Ele aponta um erro histórico do qual o bairro foi vítima: a transformação em área privativa de negócios, na década de 30, uma cópia da chamada *city* de Londres. Com a mudança de *status*, proibiu-se a construção de prédios residenciais no Centro do Rio. Só quem já morava ali podia continuar. "Isso foi um golpe enorme para o Centro do Rio. O que dá vida à cidade, depois que termina o trabalho, é gente. O que é importante é ter gente na esquina, ter freguês falando com comerciantes, bate-papo na banca de jornal, vizinhos se cumprimentando, mãe com criancinha, casal de namorados, velhos na rua. São essas coisas que dão calor humano", avalia.

A criação da área de negócios, a mudança da capital para Brasília e a transferência do centro financeiro para São Paulo fizeram com

que o Centro da cidade entrasse em hibernação. Para decadência, um passo apenas. As pessoas começaram a sair do Centro. E mais ninguém foi morar lá. Daí a existência de áreas completamente destruídas, como o Caju. E também de prédios antigos abandonados, como os da Rua do Senado. "Se você sobrevoar o Centro do Rio — digo Centro num sentido amplo — da Glória até o Caju e vai até o Catumbi; vai ficar espantado com o número de casas que caíram, telhados que caíram, é como se tivesse sido atingido por bombas. Então o Rio foi vítima de um erro histórico fazer uma área tão grande de negócios."

A saída para esse erro? Revitalização. "Quan-

"Quando eu fui coordenador do plano estratégico, conversei com centenas de entidades. Todos concordavam que o Centro deveria ser um espaço agradável, acolhedor. Uma das diretivas do plano estratégico era a revitalização do Centro"

do eu fui coordenador do plano estratégico, conversei com centenas de entidades. Todos concordavam que o Centro deveria ser um espaço agradável, acolhedor. Uma das diretivas do plano estratégico era a revitalização do Centro. O plano não foi adiante, mas a idéia ficou na cabeça da gente. O Augusto Ivan, que é um técnico do Instituto Pereira Passos, pegou os pedaços que estavam abandonados e declarou que esses pedaços não podiam ser mexidos. César Maia já era prefeito e comprou a idéia. Aí começou a melhorar o Centro. Eu acho que de lá para cá, lentamente, o Centro vem renascendo".

E o Centro foi renascendo, à base de música e comida. Renasceu na Lapa, no eixo da Mem de Sá e da Riachuelo. Na Sacadura Cabral, impulsionado pelo bloco carnavalesco Escravos da Mauá. E também na região do entorno do Centro Cultural Banco do Brasil. Depois vieram a Casa França-Brasil, o Centro Cultural dos Correio e também a Rua do Rosário, uma atração gastronômica à parte. "Mas o importante mesmo é o CCBB, que deu uma injeção de vida naquela região da Rua do Rosário e adjacências", ressalta Lessa.

E é justamente ali que persiste o mais antigo restaurante do Rio: o Rio Minho, que vem do século XIX. É um dos poucos que sobreviveram daquela época, com seu famoso "Bunda de Fora". E foi justamente nessa região que nosso intrépido professor resolveu criar sua espécie de pólo gastronômico. Mas nada é mero acaso. "Na história da Rua do Rosário, eu pessoalmente estou metido. Desde meu bisavô, minha família tem duas casinhas, num quarteirão pequenininho, que é o último quarteirão da Rua do Rosário, que encosta com a Rua do Mercado".

A vocação gastronômica não seria novidade para aquele espaço. No passado, uma dessas casas foi uma loja que negociava só bacalhau, chamada "Silvestre & Cia.". Mas depois foi decaindo

"Na história da Rua do Rosário, eu pessoalmente estou metido. Desde meu bisavô, minha família tem duas casinhas, num quarteirão pequenininho, que é o último quarteirão da Rua do Rosário, que encosta com a Rua do Mercado"

e passou só a vender pedras de gelo. Com o fim do mercado de peixe, essa loja também fechou. "Essas duas casas estavam apodrecidas — o que me deixava extremamente preocupado. Mas eu não podia fazer nada por aquilo: se eu tentasse recuperar, ia ser desapropriado. Então, tinha uma casinha que tinha sido herdada pelo meu irmão; a outra, meu tio tinha deixado para meus três filhos. As duas casas estavam interligadas e inteiramente podres."

Com a criação do corredor cultural, o fantasma da desapropriação desapareceu. Sinal verde para reerguer as casinhas da Rosário. Modesto, Carlos Lessa gosta de minimizar a importância de sua iniciativa. "Eu, na verdade, não fui o pioneiro. O dono do Cais do Oriente, este sim foi o cara que começou: fez a primeira recuperação naquele quarteirãozinho. Ele está virado para o CCBB". Ok, Lessa. O pioneirismo não é seu. Mas do título de Barão da Rosário é difícil escapar.

As tais casas dos filhos e do irmão ocupavam os números 30 e 32 da Rosário. "Eu peguei aquilo, completamente podre, estudamos e chegamos à conclusão de que não dava para refazer. O que dava era para manter a fachada e fazer uma nova estrutura", recorda. E assim foi feito. A fachada foi recuperada cuidadosamente. Tijolos antigos foram usados para refazer o chão. A parede foi descascada e recebeu pedrinhas coloniais. E é lá que hoje funciona a livraria Al- Farabi, que também abriga um pequeno restaurante. Era o início do reino de Lessa na Rosário.

"Enquanto eu estava reformando as casas da minha família, o espaço onde hoje é a Brasserie foi colocado à venda. Parte da fachada tinha caído e eu comprei baratíssimo, foi praticamente dado. Mas eu gastei mais para recuperar a fachada do que paguei pelo terreno todo. Não tinha azulejo, nós mandamos fazer. Mandamos pesquisar a cor e colocar azulejo de cima a baixo. E quando estávamos limpando o prédio, descobrimos que havia janelas e portas de jacarandá. Para encurtar a história, eu sou dono de 29 toneladas de madeira, que deve ter 150 anos". A reforma incluiu, ainda, a abertura de clarabóias para a entrada da luz do sol. Simplesmente esplêndido.

Lessa pensou em fazer do lugar uma vila. Cada um daqueles mezzaninos daria a idéia de pequenas casas, que abrigariam lojas. "Mas aí chegou esse rapaz Luiz Antônio Rodrigues — o Rodrigues do Garcia & Rodrigues — e me disse que queria abrir um restaurante no Centro da cidade, com o melhor pão do Rio. E ele instalou ali a Brasserie."

A mosquinha azul da revitalização havia mordido Lessa, que tomou gosto por essa coisa de reforma. "Logo depois, o prédio do lado — que estava em petição de miséria — foi invadido por sem-tetos. Isso prejudicava a Brasserie. Eu comecei a sondar os moradores para comprar. Sabe qual foi o problema? Encontrar o dono. Levei quase um ano para descobrir. A família tinha desistido do imóvel. Quando eu cheguei até eles, surpreenderam-se: "Você está interessado no puteiro?".

"Enquanto eu estava reformando as casas da minha família, o espaço onde hoje é a Brasserie foi colocado à venda. Parte da fachada tinha caído e eu comprei baratíssimo, foi praticamente dado"

Lessa comprou e reformou o prédio, onde antes havia trabalhado uma senhora chamada Madame Lily. E criou a "Babel" – mistura de livraria e antiquário, palco dos melhores leilões de livros do Brasil. "Gosto muito da idéia de ter livro perto de comida. Qual a relação? São a mesma coisa: um prazer! É um vasto prazer que eu tenho lendo e outro vasto prazer que tenho comendo". Lessa prestou uma homenagem à Madame Lily, instalando uma placa com os dizeres

"Aqui foi o hotel de Madame Lily. Saudosa memória". Somente aqueles que perguntam o significado ficam sabendo da história do sobrado.

E o espírito da reforma continuou. "Bem, na esquina tinha um prédio, cheio de rachaduras, lindo! Porque aí eu peguei gosto por essa história. E lá fui eu, com muita dificuldade, comprei o prédio. E resolvi fazer o mais simpático botequim do Brasil: o Casual Retrô. Fica no número 24". Lessa decidiu entregar a cozinha ao *chef* Santos."Tive a felicidade, de ser apresentado a uma pessoa que é um gênio – o Santos. Ele faz a melhor comida portuguesa do planeta! E ele é muito engraçado; diz que não é português e sim do Algarves. Onde Santos põe a mão é um sucesso, tanto que ele estava à frente de um botequim pequeno, na Rua do Ouvidor, e lotava."

O Casual Retrô é o atual xodó de Lessa. "Nós fizemos a reforma, já pensando num botequim restaurante deslumbrante: com muitas mesas na rua. Aí a Prefeitura começou a encher o saco, mas tem que se colocar mesinha na rua, sim! Em Bruxelas, há uma grande praça em que todos os restaurantes têm mesinhas na rua. É muito bonito gente na rua. E também tem umas brincadeiras minhas com Santos: eu coleciono cachaça e levei para lá mais de cem garrafas. Disse a ele: eu bebo aqui de graça até o fim da minha vida", diverte-se.

Para dar charme ao local, Lessa chamou um muralista de Volta Redonda para soltar a imaginação no botequim. "O Leandro mistura padrões de composições antigos com uma pintura moderna. E nós queríamos fazer uma homenagem a Darcy Ribeiro, usando a idéia do povo brasileiro". O resultado foi um painel com uma comportada Camila Pitanga representando a mulata, um expressivo Lázaro Ramos, o negro, e um meditativo Ruy Barbosa, o português, sendo observados pelo Cristo Redentor, um cachorro e um eremita. "A Rua do Rosário para mim é uma amostra do que pode ser uma quantidade enorme de zonas do Rio. Você pode ter um negócio desses em Madureira, outro na Barra da Tijuca. É só ir criando esses espaços, pois o carioca adora ficar na rua. Somos rueiros."

E Lessa quer mais. Escolheu um poste nas imediações do Casual Retrô para fazer poesia. A primeira edição do "Poesia na Praça" será no dia 19 de dezembro. Mas o que seria o "Poesia na Praça"? "Conheci um professor chamado Jênesis. É o único Jênesis com "J" que conheço!

Brasserie Rosário

Uma característica muito engraçada. O Jênesis também é poeta, tem um grupo de jogral. Juntos, uma vez por mês, vamos fazer uma apresentação homenageando um poeta brasileiro". A dinâmica é a seguinte: começa com declamações de poesias do homenageado, depois segue com poetas do grupo recitando suas próprias criações. E termina com uma entrevista com um poeta vivo. O "Poesia" adotará um esquema à la escola de samba: com distribuição de panfletos com os poemas aos transeuntes.

"É tudo amador. Agora tem um detalhe, que uma amiga que é professora de línguas orientais me ensinou, que é tudo de bonito que se pode imaginar na vida. Os árabes do deserto, uma vez ao ano, promoviam concurso de poesia. Os versos vencedores eram escritos em faixas enormes e presas em palmeiras. Ficavam lá por um ano". Pois Lessa vai trazer a *expertise* árabe para o território carioca. O primeiro homenageado é Manuel Bandeira. A frase escolhida para ornamentar o poste é "Os cavalinhos correndo/ E nós, cavalões comendo" extraída do poema "Rondó dos Cavalinhos". No quarteirão que começou com a Brasserie Rosário, apenas um prédio ainda não pertence aos domínios de Lessa.

Além de recuperar prédios e de poesia, Lessa adora uma boa comida. "Eu e a torcida do Flamengo adoramos comer. A exceção fica por conta de um malucos que têm mania de se reprimir à mesa. Agora está muito em moda isso. Ter prazer na mesa é pecado; o homem não consegue viver sem um pecado. Mas eu gosto muito de conversar sobre comida. Em geral, pessoas que gostam de comer são boa gente. Inclusive é o momento de socialização, de convivência. Não

é à toa que, ao redor das mesas, se formam as amizades", filosofa.

Os dotes culinários de Lessa foram apurados ao longo dos anos. E do alto dessa sabedoria acumulada, ele dá dicas da alta gastronomia. A primeira lição é saber achar bons ingredientes. E onde ele costuma achar os ingredientes? No supermercado Mundial. "Vou ao Mundial da Rua do Riachuelo. A carne de lá é excelente, por uma razão muito simples: como eles vendem mais barato que a maior parte dos outros supermercados, o povão compra. Logo, a carne está sempre fresca", ensina.

E as idas ao Mundial têm ainda um encanto especial para ele. "A casa da minha avó era na Rua Andre Cavalcanti. Eu conheci aquela região quando era garoto. E tem uma feirinha ali aos sábados deslumbrante, com coisas maravilhosas. Eu consigo comprar um quiabinho ótimo, feijão-de-corda espetacular, jaca, e assim vai. E ainda tem um peixeiro que me conhece e que sempre indica os melhores peixes do dia. Tem também uma moça que abre umas sardinhas ótimas". Daí vem a lição número dois: sempre procure a feira mais próxima, elas guardam verdadeiras preciosidades.

O método Lessa de culinária é totalmente empírico. "A verdade é que eu fui fazendo umas pesquisinhas, fui descobrindo umas coisinhas. Minhas pesquisas são assim: eu pego uma coisa que eu gosto e vou vendo como eu melhoro, os franceses faziam isso", conta. E foi através desse método que nasceu a especialidade de Carlos Lessa. "Eu descobri uma coisa que os portugueses fazem e que é ótima: a sopa de entulho. A portuguesa aproveitava tudo que sobrava e fazia uma sopa. Então eu peguei essa história e disse: eu vou fazer a melhor sopa de entulho do mundo! E quando faço, meus funcionários entram em estado de felicidade absoluta. E a sopa melhora, inclusive, no segundo dia. Eu levo quase que um dia para prepará-la". Lessa faz questão de comprar pessoalmente todos os ingredientes. "Às vezes vejo um jiló bonito e boto também. Plantei ora pro nobis em casa, pois no Rio não se acha sempre", diz. Tamanha destreza fez com que Lessa emprestasse seu nome à sopa de entulho servida no bar Belmonte.

A terceira lição é divertir-se sempre. "Eu me divirto com essas coisas. Acabo de aprender a fazer salmão marinado. Sou louco por salmão marinado e pagava caríssimo. E qualquer um pode fazer boa comida caríssima ou baratíssima. O segredo é saber comprar os ingredientes e saber cozinhar um pouquinho. Quer ver um truque bobo que faz uma grande diferença? Colocar pedaços de goiaba ou abacaxi na salada. Fica fantástico".

Lessa é um entusiasta da simplicidade gastronômica. "Você conhece coisa mais gostosa como tira-gosto que manjubinha frita? Custa dois, três reais o quilo. E é facílimo de fazer: lava, põe um pouquinho de sal, frita e lambe os beiços! Eu já servi para estrangeiros e os caras babaram!"

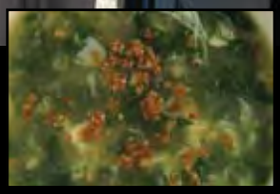
E quando não está reformando ou cozinhando, Lessa gosta de observar os hábitos gastronômicos do carioca. "Acho um barato uma invenção carioca que eu batizei de piquenique de rua: esquinas como na Rua de Catete, onde o cara não tem dinheiro para passear e improvisa uma festinha na rua, com churrasco e tudo". Em suas andanças Rio afora, ele viu o nascimento de mais uma instituição carioca. "No subúrbio tem uma coisa chamada juntar panela, instituição em desenvolvimento nos subúrbios do Rio. No domingo, os vizinhos se juntam, cada um traz uma panela , um com macarrão, outro com carne, aí mistura tudo e faz a festa". Palavra de um especialista em gastronomia carioca.

Sopa Carlos Lessa

Receita para 10 pessoas

Ingredientes:

1 kg de carne (peito)
200gr de toucinho
4 cebolas grandes
1 dente de alho
1litro de azeite
1 aipo
2 alhos-poró
1kg de nabo
1 abóbora vermelha
1/2 kg de cenoura
1/2 kg de batata doce
½ kg de inhame
1 molho de couve
1 repolho
½ de beterraba



Modo de preparo:

Dourar o toucinho, colocar cebola cortada e alho. Esta base receberá a carne, cortada em cubos de 2 a 3cm. Dourar rapidamente.

Acrescentar 2 ou 3 litros de água fervente

Cortar o nabo, o alho-poró e o aipo e colocar no caldo e deixar cozinhar ate se desfazerem e formar um grande caldo.

A medida que a água for evaporando, vá acrescentando água fervente e azeite. Por fim, acrescente a abóbora em pedaços, cenoura, beterraba, batata doce e inhame.

Quando cada um estiver cozido, retire-os da panela e reserve.
Numa panela à parte forre o fundo com folhas de repolho rasgada, couve cortada e outras folhas à gosto, como rama de beterraba, cenoura).
Por fim, despeje o caldo fervente, acrescente os legumes cozidos, tampe e deixe apurar.

Está pronta essa pièce de résistance. Sirva com pão de alho e manteiga, um bom vinho e bom apetite!.

O imperdoável diminutivo da "Rocinha"

ensaio fotográfico de **MARCELO CARNAVAL**

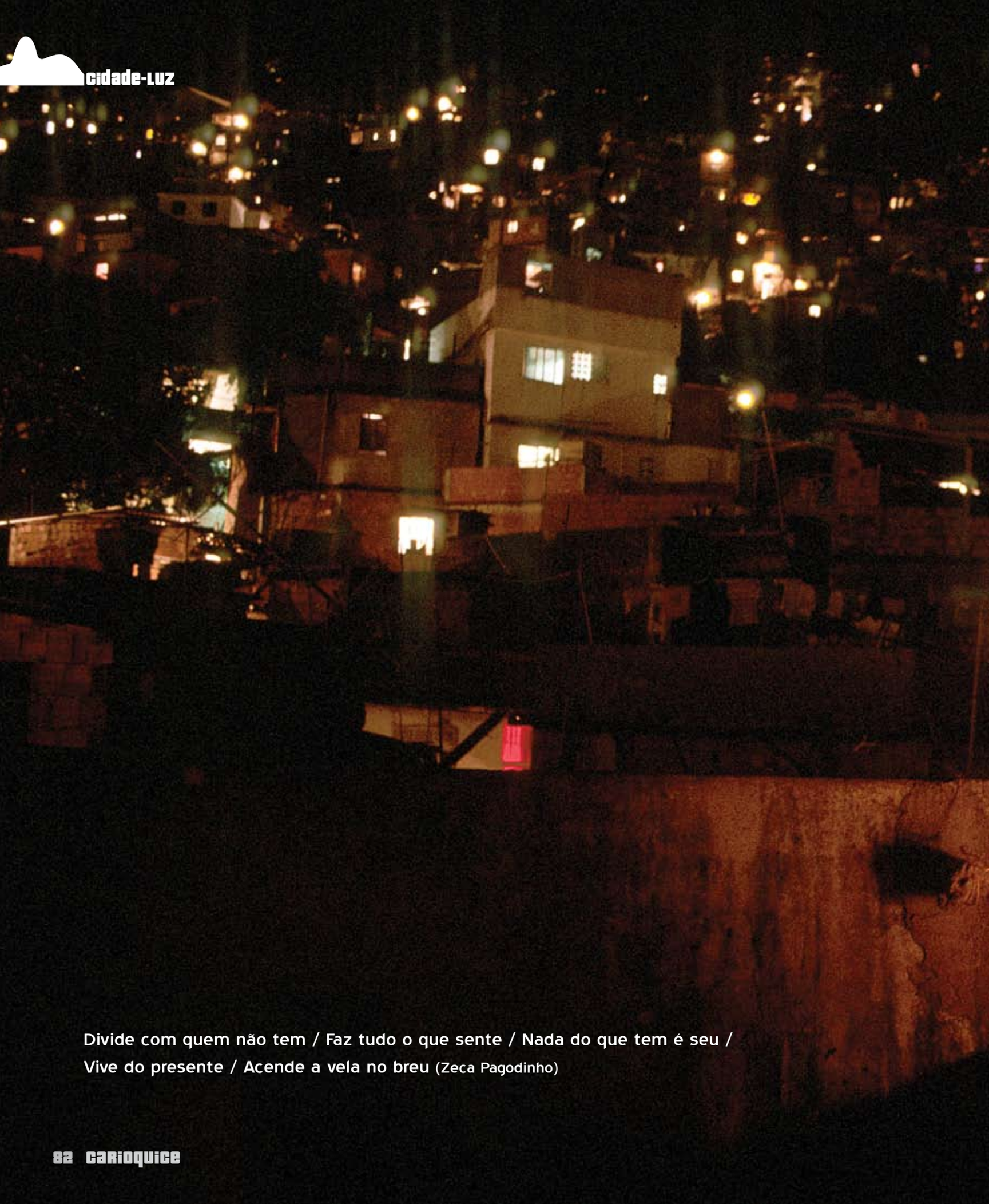
Favela... / Orgulho e lazer, estamos à vontade / Nós somos...
Favela... / Orgulho e lazer, estamos à vontade / Somos mais você... (MC Marcinho)

Em qualquer esquina eu paro / Em qualquer botequim eu entro / E se houver motivo
É mais um samba que eu faço / Se quiserem saber / se volto diga que sim (Zé Keti)

Felicidade / De arranha-céu / Pois quem
mora lá no morro / Já vive pertinho do céu
(Herivelto Martins)

Alvorada lá no morro que beleza / Ninguém chora não há tristeza / Ninguém sente dissabor / O sol colorindo / É tão lindo, é tão lindo / E a natureza sorrindo tingindo tingindo (Cartola e Carlos Cachaça)

Dizem lá no morro / Que fala com passarinho / Depois de pequenino
Chora rindo / Olha pra nada / Diz que o céu é lindo / Na boca da madrugada
(Paulinho da Viola e Sérgio Natureza)



Divide com quem não tem / Faz tudo o que sente / Nada do que tem é seu / Vive do presente / Acende a vela no breu (Zeca Pagodinho)

O Rio é um adjetivo

Julio Bueno

Secretário Estadual de Desenvolvimento Econômico, Petróleo, Indústria e Comércio.

O Rio é a minha vida. Eu não poderia ser de outro lugar. Nasci na Cruz Vermelha, no Centro. Fui criado na Glória e há 20 anos moro na Lagoa. Apesar de alguns exílios em Curitiba, São José dos Campos, na Inglaterra e o último, em Vitória, no Espírito Santo, sempre voltei para o Rio. Estudei na escola pública Deodoro, na Lapa, depois no Pedro II, no Humaitá e por fim, me formei na UFRJ, em Engenharia.

A música, o futebol, o chopp gelado. Isso é o Rio. E eu sempre aproveitei muito a cidade e suas belezas. Quando era mais novo jogava futebol no Aterro e freqüentava o Centro. Hoje, pela proximidade de casa, pratico esportes em Ipanema ou na Lagoa.

Minha relação com o Rio, e acho que é a de todos os cariocas, é muito intensa, de grande amor. Até brinco que a gente olha tanto para a paisagem que esquece a urbe. Isso é um problema do Rio, a beleza encanta tanto que damos as costas para a urbe. Quando estava no governo do Espírito Santo sempre falava que não agüentava mais dizer que o Rio é tão lindo, tão belo. O que eu quero é resolver os problemas de transporte, saneamento e aí, vírgula, mas é tão belo! Eu sempre falo que a interjeição acaba fazendo com que a gente dê as costas para a cidade. E isso se dá, inclusive, do ponto de vista cultural e intelectual. O Rio, por ter sido a capital por quase duzentos anos, adquiriu a característica de ser cosmopolita. Aqui sempre foi permitido a ousadia do pensamento. O olhar para fora, para o Brasil e para o mundo. Então, é um processo espontâneo para todos que nasceram aqui, e que se metabolizou naturalmente. Acabei de ler um livro do Carlos Lacerda sobre a Guanabara e este fenômeno está lá. Ele é secular. Portanto o pensamento provinciano é importantíssimo para a urbe e, creio que só conseguiremos essa integração pela economia.

Quando fui secretário no Espírito Santo, ninguém duvidava que eu era um embaixador do Rio. Agora, tenho o prazer de rodar o mundo mostrando o Rio, fazendo diplomacia comercial. Nas minhas apresentações começo por apresentar as imagens de Copacabana, do Maracanã, das Escolas de Samba, do Pão de Açúcar, do Cristo Redentor e digo: 'Estão vendo? Isso é fantástico. A melhor coisa que nós temos, mas não é só isso não. Temos também petróleo, siuderurgia, telecomunicações'. Digo que o Rio é sol, é samba, é mar, é o nosso modo alegre de viver, enfim, o jeito do carioca e o resto é adjetivo.

Outra paixão que a cidade me deu foi o Fluminense. Só não vou a todos os jogos porque muitas vezes coincidem com agendas de trabalho. Já disse que, se tudo der certo, daqui a quatro anos me aposentarei e irei a todos eles.

Seja legal. Peça a nota fiscal.

Quando você for fazer suas compras de Natal, abastecer o carro ou até mesmo tomar aquele cafezinho, não se esqueça: peça a nota fiscal. O dinheiro do imposto, que só é recolhido quando a nota fiscal é emitida, vai para o Hospital, para a Segurança Pública e para a Escola. Quando você não pede a nota, quem perde é você e milhares de crianças e jovens do Rio de Janeiro. **Seja legal. Peça a nota fiscal.**

GOVERNO DO Rio de Janeiro

Somando forças.

SECRETARIA DE FAZENDA

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO

DICA DA CASA:

ECOEFICIÊNCIA E SUSTENTABILIDADE. VOCÊ NUNCA IMAGINOU QUE ISSO TUDO PUDESSE VIRAR ASSUNTO DE BAR.

Além da qualidade da sua bebida, a AmBev também tem outra preocupação: o meio ambiente. Até porque não tem coisa mais importante para uma empresa que visa sempre fabricar os melhores produtos do que preservar a natureza. É de lá que saem as matérias-primas da sua cerveja, dos seus refrigerantes e até a sua água. E foi pensando no futuro que hoje a AmBev é considerada uma empresa-modelo em gestão ambiental, com índices grandiosos em ecoeficiência: a Companhia é referência mundial na utilização de água, consumo de energia e reaproveitamento de resíduos industriais. Por isso ela também investe em projetos como a Recicloteca, um dos maiores centros de informações e estudos sobre reciclagem e meio ambiente da América Latina. E não pára por aí: a AmBev também desenvolve um Programa de Consumo Responsável que incentiva a lei que proíbe vender bebidas para menores de idade e uma campanha que alerta sobre os riscos de beber e dirigir. Os resultados estão aparecendo e o orgulho da Gente AmBev não pára de crescer. Se o desafio é a atuação responsável, estamos desafiando o desafio.

AmBev